



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ
IFCE *CAMPUS* FORTALEZA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

MIRNA MARIA FELIX DE LIMA LESSA

**ENTRE O ANAVAN E O ANARRIÊ: UM REGISTRO DE PASSOS
TRADICIONAIS DA QUADRILHA JUNINA CEARENSE NO
CONTEXTO DA MEMÓRIA DE QUEM LEMBRA, FEZ E FAZ**

FORTALEZA

2025

MIRNA MARIA FELIX DE LIMA LESSA

ENTRE O ANAVAN E O NARRIÊ: UM REGISTRO DE PASSOS TRADICIONAIS
DA QUADRILHA JUNINA CEARENSE NO CONTEXTO DA MEMÓRIA
DE QUEM LEMBRA, FEZ E FAZ

Trabalho apresentado ao curso Mestrado Profissional em Artes PPGARTES do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - *Campus* Fortaleza, como requisito do trabalho final. Área de concentração: Processos de criação em Artes.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria de Lourdes Macena de Souza

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal do Ceará - IFCE
Sistema de Bibliotecas - SIBI

Ficha catalográfica elaborada pelo SIBI/IFCE, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

LESSA, MIRNA.
ENTRE O ANAVAN E O NARRIÊ: UM REGISTRO DE PASSOS TRADICIONAIS DA
QUADRILHA JUNINA CEARENSE NO CONTEXTO DA MEMÓRIA DE QUEM LEMBRA, FEZ E
FAZ / MIRNA LESSA. - 2025.
69 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Instituto Federal do Ceará, Mestrado Profissional em Artes, Campus
Fortaleza, 2025.

Orientação: Profª. Dra. Maria de Lourdes Macena de Souza.

1. Ceará. 2. memória. 3. passos tradicionais. 4. quadrilha junina . I. Título.

CDD 700

MIRNA MARIA FELIX DE LIMA LESSA
ENTRE O ANAVAN E O NARRIÊ: UM REGISTRO DE PASSOS TRADICIONAIS DA
QUADRILHA JUNINA CEARENSE NO CONTEXTO DA MEMÓRIA DE
QUEM LEMBRA, FEZ E FAZ

Trabalho apresentado ao curso Mestrado Profissional em Artes PPGARTES do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - *Campus* Fortaleza, como requisito do trabalho final. Área de concentração: Processos de criação em Artes.

Aprovado (a) em: 22 /07 /2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Maria de Lourdes Macena Souza (Orientadora)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) – *Campus* Fortaleza

Prof. Dr. Adson Rodrigo Silva Pinheiro
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus
Universidade Federal de Pelotas (UFP)

Prof^ª. Dra. Rosa Cristina Primo Gadelha
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

Às minhas filhas, Amanda e Stephanie.

Aos meus pais.

Aos mestres.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder a graça de realizar este sonho!

Às minhas filhas amadas, Amanda e Stephanie pela colaboração e incentivo, razões de minhas lutas, que são o meu maior motivo para sonhar e continuar, suas presenças iluminam meu ser, trazendo alegria e sentido à minha existência e Shaila Braga filha do coração.

Aos meus pais, Milda e Amadeu (*in memoriam*), a quem devo a essência de tudo que sou, exemplos de dedicação e coragem, que com simplicidade e sabedoria me ensinaram o valor das raízes, da fé e do trabalho. À minha família, aos sobrinhos queridos, que me ajudam, apoiam e incentivam.

A Prof^a. Dr^a. Maria de Lourdes Macena Souza, mais do que orientadora, foi mestra no sentido mais pleno da palavra: aquela que conduz, inspira e ensina pelo exemplo, mostrando que a pesquisa também é lugar de afeto, respeito e compromisso com a cultura e com as pessoas que dela fazem parte. Sua presença nesta caminhada foi farol e abrigo, iluminando o percurso e fortalecendo o desejo de continuar cultivando, as sementes do conhecimento e da tradição que aqui se entrelaçam.

Aos meus professores do PPGARTES: Antônia Abreu, Maximiano de Lima, Sebastião de Paula, Jacqueline Peixoto, Wendel Alves e Lourdes Macena pelos ensinamentos, orientações, exemplos e contribuições, para o meu crescimento intelectual e pessoal, ampliando horizontes e estimulando a curiosidade e o rigor científico. A dedicação, o compromisso e a generosidade de cada um de vocês deixaram marcas importantes nesta jornada, reforçando o valor do conhecimento compartilhado e do acompanhamento atento de quem acredita na formação de seus estudantes.

A turma 7 do PPGARTES, pela companhia e amizade ao longo desta jornada. Cada conversa, cada troca de experiências e cada momento compartilhado contribuíram para o crescimento acadêmico e pessoal de todos nós. Levo comigo não apenas aprendizados teóricos, mas também lembranças de convivência, que marcaram esta etapa da minha trajetória acadêmica. Em especial, à amiga Geyza Teixeira, com quem dividi angústias e desafios, partilhei anseios e conquistas. Sua presença, apoio e incentivo foram fundamentais, tornando os momentos desafiadores mais leves, os momentos de conquista ainda mais especiais e a caminhada mais rica e significativa.

Expresso minha profunda gratidão aos membros da banca examinadora, Prof. Dr. Adson Rodrigo Silva Pinheiro (UFF), Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus (UFP) e Prof^a. Dra. Rosa Cristina Primo Gadelha (UFC), minha estima e admiração por acolherem esta pesquisa com respeito e compromisso com a cultura popular. O tempo dedicado, a escuta generosa, as reflexões, contribuições, suas palavras e presenças trazem sentido ao caminho percorrido. Deixaram uma marca perene, cada palavra, cada reflexão fortaleceu o estudo e inspiraram novos caminhos de pensamento, reafirmando o valor da partilha de saberes.

Vossas observações sensíveis, elogios alentadores, sensibilidade afetuosa, amorosidades e reconhecimento foi verdadeiramente marcante, receber palavras tão afetuosas de estímulo à continuidade é, para mim, uma dádiva que reforça a importância da partilha, do diálogo e do cuidado na construção do conhecimento.

Aos queridos Marcelo Paiva e Joaquim Xavier, que me acolheram durante o primeiro ano desta jornada, agradeço também por todas as partilhas para além deste momento.

Ao querido Aterlane Martins, por todas as suas indicações, contribuições e presença.

Aos queridos Mikael Lima, Álvaro Bravo Junior, Reuber Tadeu, que foram parceiros nesta jornada, Gabriel Lopes na etapa de finalização, a esta equipe de registro e do produto desta pesquisa, meu carinho e gratidão, sem vocês eu não conseguiria.

Ao Mestre da Cultura Junina Raimundo Claudino, cuja trajetória inspira e ensina, agradeço pela acolhida afetuosa a esta pesquisa e pela generosa partilha de sua sabedoria, experiência e amor pela cultura popular, meu respeito, carinho e admiração.

Ao Fábio Lessa e aos integrantes das quadrilhas que participaram deste registro, meu sincero agradecimento, pela disponibilidade, dedicação e amorosidade.

A Jean Patrick pela presença luminosa e pelo apoio generoso, Álvaro Júnior profissional e pessoa de excelência. Agradeço também a todos que estiveram presentes na minha defesa, foi emocionante perceber, em cada olhar e reação, o envolvimento com este momento. Vocês tornaram esta etapa ainda mais significativa, reafirmando a importância do acolhimento e da partilha. Concluo estes agradecimentos com o coração cheio de gratidão, por cada pessoa, momento e ensinamento que fizeram desta jornada um testemunho de força e amor.

“Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem tratar sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível”.

Paulo Freire (1996, p. 24)

RESUMO

Este estudo apresenta registros de passos tradicionais de quadrilha junina cearense de modo a perscrutar o seu fazer, com a intenção de valorizar, compartilhar e salvaguardar os saberes e fazeres destes sujeitos que se dedicam e contribuem com a cultura popular em nosso estado, no contexto da memória de quem lembra e faz. Tem como objetivo geral registrar passos tradicionais de quadrilhas juninas do Ceará vista como um bem cultural, numa perspectiva de salvaguardar elementos e promover esta cultura. Este trabalho utiliza, em um primeiro momento, de pesquisa bibliográfica para à identificação de concepções teóricas a respeito da temática cultural. Em seu caráter plural, não tem a pretensão de definir nem de categorizar essa cultura e seus significados e sim dialogar de forma objetiva e flexível com os fazeres que se estabelecem. Metodologicamente utilizamos informações coletadas pelos registros por meio de observação participante no que se refere aos passos tradicionais, coletadas a partir dos registros por meio de fotografias e filmagens, com abordagem qualitativa. O cenário da pesquisa compreende duas quadrilhas juninas, sendo uma adulta e uma infantil em atuação, e diálogos com os mestres da cultura junina titulados. Dessa forma, esperamos que este estudo contribua para a difusão da memória de quadrilhas juninas cearenses, contribuindo com sua valorização e transmissão. Acreditamos que a continuidade deste estudo permitirá um olhar ainda mais amplo sobre os paradigmas que fundamentam a transmissão dos passos juninos, favorecendo o fazer artístico. Assim, como Nego Bispo vive por meio da permanência e potência de suas palavras, que continuam a brotar, é na ancestralidade que elas encontram constante renovação com ciclos de começo, meio e começo. Das fogueiras ao fogo das palavras e do corpo sempre dançante, lançamos com as mãos da memória, uma cuia de sementes e desejamos que este trabalho seja germinante.

Palavras-chave: Ceará; memória; passos tradicionais; quadrilha junina.

ABSTRACT

This study presents records of traditional steps of Ceará's June square dances, exploring their practice and valuing, sharing, and safeguarding the knowledge and practices of these individuals who dedicate themselves to and contribute to popular culture in our state, within the context of the memory of those who remember and perform them. The overall objective is to record traditional steps of Ceará's June square dances, seen as a cultural asset, with a view to safeguarding elements and promoting this culture. This work initially uses bibliographical research to identify theoretical concepts regarding cultural themes. In its plural nature, it does not aim to define or categorize this culture and its meanings, but rather to engage objectively and flexibly with the practices that are established. Methodologically, we use information collected through records; through participant observation of traditional steps, collected from records through photographs and filming, with a qualitative approach. The research setting comprises two performing quadrilha juninas one for adults and one for children, and dialogues with the titled masters of juninas culture. Thus, we hope this study will contribute to the dissemination of the memory of Ceará's June square dances, contributing to their appreciation and transmission. We believe that continued study will allow for an even broader perspective on the paradigms underlying the transmission of June square dances, fostering artistic creation. Thus, as Nego Bispo lives through the permanence and potency of his words, which continue to blossom, it is in ancestry that they find constant renewal with cycles of beginning, middle, and beginning. From the bonfires to the fire of words and the ever-dancing body, we launch with the hands of memory, a gourd of seeds and we hope that this work will germinate

Keywords: Ceará; memory; traditional steps; june quadrilha.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Logomarca FEQUAJUCE	41
Figura 2 - Logomarca FEJUC	42
Figura 3 - Logomarca UJC	43
Figura 4 - Logomarca da MOJUNI	44
Figura 5 - Autora com Eliza Gunther idealizadora do Ceará Junino	44
Figura 6 - Quadrilha Infantil Cai Cai Balão registro para catálogo digital	46
Figura 7 - Brincantes e equipe de registro	47
Figura 8 - Quadrilha adulta Flor do Sertão	48
Figura 9 - Quadrilha adulta registro para catálogo digital	49
Figura 10 - Mestre Raimundo Claudino, a autora e Mestra Mazé Costa	50
Figura 11 - Mestra Mazé Costa e a autora	51
Figura 12 - Mestre Raimundo Claudino e a autora	53
Figura 13 - Equipe de registro quadrilha infantil	57
Figura 14 - Equipe de registro quadrilha adulta	57
Figura 15 - Apresentação institucional e tema	59
Figura 16 - Breve histórico Quadrilha Infantil Cai Cai Balão e equipe técnica	60
Figura 17 - Os passos da quadrilha infantil	60
Figura 18 - Breve histórico Quadrilha Flor do Sertão e equipe técnica	61
Figura 19 - Os passos da quadrilha adulta	61
Figura 20 - Quick Responser QR Code registro dos passos tradicionais de quadrilha junina..	68
Figura 21 - Planilha de avaliação Festejo Ceará Junino 2024	69

LISTA DE SIGLAS

COMPHEC	Conselho Municipal de Proteção ao Patrimônio Histórico Cultural
DPI	Departamento do Patrimônio Imaterial
FEC	Fundo Estadual da Cultura
FEJUC	Federação dos Eventos Juninos do Ceará
FEQUAJUCE	Federação de Quadrilhas Juninas do Ceará
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MOJUNI	Movimento Junino do Interior do Ceará
PNPI	Programa Nacional de Patrimônio Imaterial
SECULT	Secretaria de Cultura do Ceará
SECULTFOR	Secretaria Municipal da Cultura de Fortaleza
UJC	União Junina do Ceará
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO DE SI	13
2. INTRODUÇÃO	16
3. ATENÇÃO! Preparar para o caminho da roça. Referencial teórico dos estudos no campo das culturas tradicionais populares	21
3.1 Cultura folclórica	22
3.2 Memória, tradição e identidade	25
3.3 Educação Patrimonial e Culturas	28
3.4 Festa junina	32
4. VAI COMEÇAR O ARRAIÁ, QUADRILHA JUNINA	36
5. GRANDE RODA: as instituições juninas e o movimento junino do Ceará	40
5.1 Federação de Quadrilhas Juninas do Ceará	40
5.2 Federação dos Eventos Juninos do Ceará	41
5.3 União Junina do Ceará	42
5.4 Federação do Movimento Junino do Interior do Ceará	43
5.5 Festejo Ceará Junino	44
6. NO BALANCÊ: Agentes da pesquisa	46
6.1 Quadrilha infantil Cai Cai Balão	46
6.2 Quadrilha adulta Flor do Sertão	48
6.3 Tesouros vivos	50
6.3.1. Mestre Mazé Costa	51
6.3.2. Mestre Raimundo Claudino	52
7. REGISTROS DA PESQUISA	57
7.1 Produto gerado	58
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERENCIAS	64
Apêndice A Relação dos passos da quadrilha junina	67
Apêndice B QR Code do produto de pesquisa	68
Apêndice C Planilha do Festejo Ceará Junino 2024	69

1 APRESENTAÇÃO DE SI

A minha trajetória pessoal e profissional¹ inspira minha escolha. As participações, atuações, apreciações que fiz e faço parte no âmbito cultural estão como uma oportunidade impregnada de muitas responsabilidades. Primeiramente, me apresento: sou a filha caçula de Amadeu Nunes de Lima (*in memoriam*) e de Filomena Felix de Lima, conhecida como Milda. Todo(a)s o(a)s filho(a) somos Marias e Josés, promessa de minha mãe muito devota. Única filha formada na área acadêmica, mãe das dádivas Amanda e Stephanie, meus tesouros e razão de minhas lutas. Tenho em minha essência os encantos interioranos em todas as fases da minha vida.

Delinheio minha vivência junina, uma história que se iniciou ainda na década de 80. Desde a infância, tenho contato com esta cultura participando de quadrilhas juninas por meio de atividades escolares e em minha comunidade. Tudo muito simples, porque eram as condições da época: roupas de chita, lacinho no cabelo e bolinhas na bochecha ao som do disco de vinil.

As festas de terreiro no chão batido são lembranças ternas e inesquecíveis de quem, naquela época, não tinha nenhuma noção de sua importância. O milho recebido pelos compadres, as madrinhas de fogueira no compadrio, o rito de dar as mãos e proferir: “São João disse, São Pedro confirmou, serei sua madrinha na presença de Nosso Senhor”. As simpatias (do carvão na água, a moeda jogada na fogueira, a aliança amarrada no fio de cabelo, a faca no tronco da bananeira, etc.) e o modo de festejar típico de nossa regionalidade. Na adolescência, integrei grupos de danças e de quadrilhas juninas.

Sempre apreciei estudar e almejava cursar ensino superior. Conclui o ensino médio em 1997, mas não acreditava que seria possível por tantas razões, sendo a financeira a principal, já que, na cidade, só havia uma instituição particular.

Em 2010 o sonho adormecido tomou forma real ao ingressar na Licenciatura em Educação Física do IFCE, campus Canindé, primeira instituição pública de ensino superior da cidade. Foi uma jornada impregnada de desafios, especialmente quanto à permissão da gestão para conseguir cumprir horários de trabalho e conciliar os estudos. Durante toda a formação

¹ Artista docente, pesquisadora e produtora cultural, Coordenadora do Fórum Cearense de Cultura Tradicional Popular FCCTP, Coordenadora de Pesquisa e Formação da Rede Nacional de Pesquisadores da Cultura Junina RNP membro da Organização Internacional de Folclore e Artes Populares IOV Secção Brasil.

acadêmica, integrei a Cia Educadança², com atuação em danças culturais, contemporâneas e dança educação.

No âmbito profissional, minha carreira docente se iniciou em 1998, quando pude vivenciar experiências como mobilizadora de Artes em diversos projetos, desenvolvendo ações culturais, nas quais o fazer junino sempre esteve em destaque.

A partir de 2001, fui efetivada na rede municipal, após conclusão da licenciatura, atuação também em Educação Física. Na busca contínua pelo conhecimento, cursei uma segunda Licenciatura em Artes, especializei-me em Arte-Educação e Cultura Popular, além de realizar outras especializações em áreas afins.

Desde 2005, venho atuando como jurada de festivais de quadrilha junina, com experiência em festivais municipais, regionais e interestaduais. Ao longo dos anos de vivências, pude perceber muitas situações que me causavam inquietação na participação de mesas avaliadoras, sendo a principal delas referente aos passos tradicionais contidos na planilha³ e ao conhecimento dos jurados para tais avaliações ou julgamentos.

Nas formações de jurados realizadas pelas instituições juninas ou pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (SECULT-CE), no âmbito do Festejo Ceará Junino, poucas vezes este tema foi apresentado (a execução dos passos) e, quando apresentado, de forma breve ou apenas comentados superficialmente.

O processo de montagem de uma quadrilha junina comporta muitos desafios que conheço bem, sentidos na experiência. Essa vivência foi construída desde a infância, depois com participações em grupos sendo brincante, par de casal caipira, noiva, marcadora, maquiadora, aderecista e, também, atuando na coordenação, atualmente denominados por diretorias, com o envolvimento de profissionais em diversos segmentos dessa tradição.

Durante alguns anos, atuei como coreógrafa em grupos municipais e regionais, participando da criação de adereços e das apresentações dos grupos. Foi um caminhar colaborativo, da atuação à concepção, compreendendo e conhecendo os desafios que um grupo enfrenta para conseguir se apresentar: condições para aquisição de materiais, local para ensaio,

² Companhia de dança do IFCE campus Canindé.

³ Nas planilhas das entidades juninas há uma listagem sobre passos tradicionais, que devem estar inseridos na apresentação. Os regulamentos vigentes determinam uma quantidade mínima destes passos. Optamos por utilizar a planilha do Festejo Ceará Junino (ver apêndice B) que agrega todas as instituições juninas, em eventos regionais.

reunir pares, constituição do que se idealiza e da projeção que será montada, além da construção coreográfica, que muitas vezes requer mudanças, adaptações e reestruturações.

Fiz parte destes processos, vivenciando as mudanças a cada ano: os grupos do interior se baseando nas quadrilhas da capital, as imitações da quadrilha vencedora, a instituição do tema, a profissionalização sendo inserida, configurando divisão de funções na realização dos fazeres.

É sabido que os processos criativos das quadrilhas juninas, na atualidade, apresentam em suas concepções temáticas o uso da liberdade poética, além do embasamento em pesquisas históricas, artísticas, entre outras. Essas pesquisas fundamentam as elaborações dos temas, com desenhos criativos, com ou sem o uso de elementos e adereços que representam formações coreográficas, incorporando passos tradicionais e contemporâneos.

Atuante como jurada e presidente de mesa em festivais juninos de âmbito municipal, estadual e regional. Desde 2024, integro o Grupo de Trabalho (GT) que elabora, coordena e executa a formação de jurados do Festejo Ceará Junino - São João do Ceará, atuando também como mediadora e palestrante nas etapas virtual e presencial.

2 INTRODUÇÃO

Este estudo busca realizar os registros de passos tradicionais da quadrilha junina cearense, de modo a perscrutar o seu fazer, com a intenção de valorizar, preservar e salvaguardar os saberes e fazeres destes sujeitos que se dedicam e contribuem com a cultura popular em nosso estado, no contexto da memória de quem lembra e faz.

O recorte deste trabalho é constituído por uma quadrilha infantil e uma adulta, com registros compostos pelo conhecimento de Fábio Lessa e Mestre Raimundo Claudino. Na quadrilha infantil, a apresentação dos passos foi registrada a partir do saber do atual presidente da Quadrilha Infantil Cai Cai Balão, Fábio Lessa, grupo mais antigo em atividade no Brasil, atuante desde 1980.

O registro da quadrilha adulta foi realizado a partir do saber do Mestre da Cultura Junina Raimundo Claudino, representado pela Quadrilha Flor do Sertão, de Canindé, em atividade desde 2010. Também integra o estudo a Mestra Mazé Costa, reconhecida como tesouro vivo da cultura junina por meio de edital.

A política de reconhecimento dos Mestres da Cultura do Ceará constitui uma iniciativa pioneira no Brasil, voltada à valorização, preservação e transmissão dos saberes e fazeres tradicionais das manifestações culturais populares. Instituída por meio de editais e legislações estaduais, essa política identifica e certifica mestres e mestras que, por meio de seu conhecimento, prática e protagonismo social, desempenham papel central na manutenção da memória cultural e na formação de novas gerações.

Este trabalho teve como objetivo geral registrar os passos tradicionais das quadrilhas juninas do Ceará, reconhecendo-as como um bem cultural, na perspectiva de sua salvaguarda e promoção. Especificamente, busca contribuir para os registros de memória de passos tradicionais da quadrilha junina⁴ por meio de suas narrativas, resultando na criação de um catálogo digital que possa contribuir com o movimento junino e/ou com a docência em artes.

Tem seus delineamentos por meio da observação de passos tradicionais, presentes como exigência na planilha dos festivais juninos, preservados pelas quadrilhas e pelo Tesouro vivo

⁴ Em 2023 o Senado reconheceu as festas juninas como uma manifestação da cultura nacional, a proposta (PL 943/2019) foi aprovada no fim de março e sancionada em abril por meio da Lei 14.555.

do Ceará. Esses passos, enquanto expressão da cultura junina, são transmitidos e perpetuados na tradição do fazer cotidiano da quadrilha cearense.

O cenário da pesquisa compreende quadrilhas juninas em atuação e o mestre titulado da cultura. Os participantes foram previamente orientados sobre os objetivos e delineamentos do estudo. A relevância deste trabalho⁵ se justifica no contexto da memória daqueles que lembram e fazem, considerando seus saberes, prática e a forma elaborativa e constitutiva dessa tradição.

Quanto ao percurso metodológico, este trabalho se utiliza de informações coletadas a partir das observações registradas por meio de fotografias e filmagens, com abordagem qualitativa. Segundo Gil a pesquisa qualitativa:

É subjetiva ao objeto de estudo, ergue-se sobre a dinâmica e abordagem do problema pesquisado e visa descrever e decodificar de forma interpretativa os componentes de um sistema complexo. Os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são sobre investigações, sobre ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema (Gil, 2007, p. 44).

Considera-se a pesquisa científica como “um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. (LAKATOS e MARCONI, 2007, p. 43). Pesquisar é descobrir novos fatos, dados, relações e leis em qualquer área do conhecimento. Os autores salientam que:

Metodologia trata-se de uma palavra derivada de método, do Latim *methodus*, cujo significado é o caminho ou a via para realizar algo. Portanto, o método é o processo para alcançar algo ou conhecimento. Sendo assim, metodologia vai ser o campo de estudo que se baseia em entender os melhores caminhos ou métodos em um determinado estudo para que se chegue à produção do conhecimento para a descrição ou a explicação de determinados fenômenos sociais ou naturais (Lakatos; Marconi, 2007, p.43).

Inicialmente, este trabalho utiliza uma pesquisa bibliográfica para identificar as concepções teóricas relacionadas à temática cultural. A revisão bibliográfica ocorre por meio do estudo do conteúdo de publicações de acesso público. Essa revisão se revela necessária para

⁵ Trabalho realizado entre 2023/2025.

discutir as definições sobre o conceito de cultura, bem como a relação entre o Estado, o mercado e a cultura ao longo dos anos no Brasil (Vergara, 2014, p. 43).

Considerando a finalidade deste estudo, ele também pode ser definido como descritivo, pois, conforme Vergara (2014, p. 42), esse tipo de abordagem expõe características de determinada população ou fenômeno ou busca definir sua natureza. Além disso, enquadra-se nas pesquisas que têm por objetivo levantar opiniões, atitudes e crenças de uma população (idem, ibidem).

Toda e qualquer classificação se estabelece a partir de um critério. Inicialmente, foram consideradas as quadrilhas mais antigas em atuação, tanto infantil quanto adulta. Os primeiros contatos foram feitos, o registro da quadrilha infantil ocorreu no bairro Pirambu, em Fortaleza, em frente à sede do Ponto de Cultura do Instituto Cai Cai Balão.

No entanto, o registro da quadrilha adulta revelou-se um grande desafio. Apesar de numerosos contatos, mensagens, ligações e visitas, o grupo convidado que inicialmente havia demonstrado interesse depois não respondeu mensagens e nem atendeu às ligações, mesmo após meses de insistência. Nas tentativas com outros grupos, apresentaram diferentes impedimentos, como estarem em circuito de apresentações, depois da temporada não conseguiram reunir o grupo, depois o período eleitoral também representou um obstáculo, já que muitos brincantes se envolveram em campanhas e, posteriormente, no segundo turno das eleições.

Diante dos desafios para viabilizar o encontro entre o mestre e um grupo, a busca inicial concentrou-se nas quadrilhas da região do Vale do Jaguaribe. No entanto, após diversas tentativas frustradas por diferentes motivos, a busca foi ampliada para grupos da capital, também sem sucesso. Apesar das dificuldades encontradas, optamos por não expor os grupos contatados, pois essa não é a finalidade do estudo. Em diálogo com o coordenador responsável pela elaboração do dossiê de registro das quadrilhas juninas, identificamos obstáculos semelhantes, o que nos levou a explorar caminhos alternativos para a continuidade.

Traçamos um novo percurso. Embora desejássemos abranger um número maior de quadrilhas nesta pesquisa, as dificuldades logísticas, os custos com equipe e infraestrutura nos levaram a definir um foco mais específico. Assim, optamos pelo registro de uma quadrilha infantil e uma adulta, garantindo as diretrizes do trabalho para viabilizá-lo nas condições possíveis.

Para ampliar a familiaridade com o estudo e torná-lo mais claro, seu planejamento manteve-se flexível, permitindo a consideração de diversos aspectos. Dessa forma, em diálogo com o mestre sobre sua disponibilidade, organizamos sua vinda a Canindé, viabilizando a articulação de um grupo e a definição de um local adequado. O registro da quadrilha adulta ocorreu nas dependências da Praça dos Mestres, com a participação da quadrilha Flor do Sertão.

No acompanhamento das possibilidades e cenários para a apresentação do material registrado junto aos grupos e mestres dessa cultura, as informações expostas servem para documentar os dados, sem aprofundar-se nas razões por trás de suas características. O foco principal permanece no registro dos passos tradicionais.

Em reconhecimento e valorização desta cultura amplamente difundida, que ao longo dos anos tem se transformando em apresentações cada vez mais elaboradas, com temáticas diversificadas, com o uso de passos tradicionais realizados ao modo de quem tem ou não conhecimento vasto a este respeito, este estudo visa contribuir com o registro dessa expressão cultural. As informações obtidas farão parte de um catálogo digital, esse material poderá ser utilizado de forma pedagógica em contextos educacionais e artísticos, servindo de referência para grupos de quadrilhas, escolas ou quaisquer outros interessados na preservação, estudo e difusão dessa tradição.

Em seu início, a apresentação de si, indicação da banca examinadora; traz a autora, com uma breve descrição de sua trajetória pessoal e profissional, delineando sua vivência na cultura junina.

Em sua introdução, versa sobre a escolha do tema, a definição do recorte da pesquisa, seus objetivos, delineamentos e o percurso metodológico, considerando sua finalidade.

Na terceira seção *Atenção! Preparar o caminho da roça*, trazemos seu referencial teórico sobre cultura folclórica; memória, tradição e identidade; educação patrimonial e culturas; festa junina, no campo das culturas tradicionais populares, com diversos autores embasando nossa elaboração.

Na quarta seção *Vai começar o arraiá*, discorreremos sobre a quadrilha junina, com definição histórica e como expressão cultural imaterial, seu percurso de registro e caracterização.

Na quinta seção, *A grande roda: breve histórico das instituições juninas* destacamos a criação e as ações que desempenham, além do Festejo Ceará Junino, movimento que agrega todas as instituições no acompanhamento das etapas regionais, caracterizado como uma ação de democratização do acesso aos bens e serviços culturais.

Na sexta seção *No balancê: agentes da pesquisa de campo*, apresentamos breve histórico da quadrilha infantil Cai Cai Balão, da quadrilha adulta Flor do Sertão, que participou representando o saber do mestre e os tesouros vivos, mestres titulados da cultura junina.

Na sétima seção, os registros da pesquisa, concepção e realização, percurso criativo, produto gerado através do registro que resultam na criação catálogo digital.

Por fim, apresentamos o produto dessa investigação, as considerações e os apêndices.

3 ATENÇÃO! PREPARAR PARA O CAMINHO DA ROÇA. REFERENCIAL TEÓRICO DOS ESTUDOS NO CAMPO DAS CULTURAS TRADICIONAIS POPULARES

As teorias sobre cultura sempre estiveram em constante transformação. Um dos conceitos mais revisitados é o de Taylor que, com a junção dos termos *kultur*⁶ e *civilization*⁷, sintetizados no vocábulo *culture*, define cultura como complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade:

São relacionados, mas têm significados distintos, que compreende tanto as manifestações intelectuais e artísticas quanto às práticas cotidianas e tradições de uma sociedade. A cultura é dinâmica e pode variar significativamente entre diferentes grupos e regiões (Taylor apud Laraia, 2006, p. 25).

Em nosso trabalho, apresentamos abordagens e alguns conceitos sobre cultura. Esta não se limita apenas aos aspectos materiais do mundo, com os quais criamos o entorno fabricado de nossas sociedades como casas, canetas, alimentos, carros, computadores, entre outros. A experiência cultural, em grande parte, reside no que fazemos ao transformar os elementos da natureza em objetos culturais, por meio do trabalho.

A cultura está contida em tudo e está entretecida com tudo aquilo em que nós nos transformamos ao criarmos as nossas formas próprias, simbólicas e reflexivas de convivermos uns com os outros, em e entre as nossas vidas. Vidas vividas, de um modo ou de outro, dentro de esferas e domínios de alguma vida social (Silva, 2008 p. 31).

Ao considerar essa complexidade, Bauman (2012) afirma que o termo 'cultura' possui características que tanto se diferenciam quanto se assemelham, e, dependendo de seus contextos históricos e formativos, pode ser abordado por meio de três concepções distintas de significado: a primeira a entenderia como um conceito hierárquico, a segunda como diferencial, e a terceira como genérica. Diante disso, nota-se que a cultura é um termo altamente complexo, com uma história e um desenvolvimento próprios. Portanto, tentar defini-la por meio de uma única unidade conceitual não seria uma abordagem produtiva.

⁶ Termo germânico utilizado para simbolizar aspectos espirituais de uma comunidade.

⁷ Palavra francesa que se refere às realizações materiais de um povo.

O termo cultura pode adquirir significados distintos, dependendo do contexto em que é empregado. Ela engloba as formas de pensar, sentir e agir que são compartilhadas e aprendidas socialmente. Pode ser vista como um conjunto dinâmico e complexo de elementos que moldam a vida humana, estando em constante evolução ao longo do tempo.

Os estudos sobre as culturas tradicionais populares ganharam destaque por abordar aspectos fundamentais da identidade, memória e diversidade cultural das sociedades. Que englobam práticas, saberes, expressões artísticas, festas, rituais e narrativas, que geralmente são transmitidos por meio da oralidade, de geração em geração.

3.1 Cultura folclórica

A cultura folclórica nos conecta com as raízes históricas e culturais de uma sociedade. Ela nos permite entender como as tradições foram transmitidas e se reinventam na contemporaneidade, ao longo do tempo, além de mostrar como influenciam a identidade de diferentes grupos e regiões, a forma de preservar e celebrar a diversidade cultural, promovendo um senso de pertencimento e orgulho entre as pessoas.

As culturas, na busca do favorecimento daquilo que é mais peculiarmente forte como traço cultural, os seus elementos e traços identitários fortalecem o sentimento de pertencimento a um lugar e a um determinado povo. Percebemos, assim, que não é o conhecimento formal, mundial, que nos favorece este entender *quem somos nós*, mas sim, o conhecimento informal, apreendido no conviver comunitário, são estes momentos que dizem do ser cearense, nordestino, brasileiro que somos (Souza, 2006).

Nas trilhas culturais, podemos refletir sobre algumas dessas teorias, como o argumento de Herskovits (apud Souza, 2021), que apresenta “a mais clara definição de cultura em termos psicológicos onde [...] cultura é a porção aprendida da conduta humana.” Chama atenção para a palavra *aprendida*, enfatizando que:

todos reconhecem que quaisquer que sejam as formas suscetíveis de descrição objetiva, que constituem uma cultura, devem ser aprendidas pelas gerações sucessivas de uma população a fim de não se perderem [...] porque os seres humanos aprendem realmente bem suas culturas [...]. Quando empregamos a palavra ‘educação’ tendemos a fixar-nos na aprendizagem dirigida. Porém, a maior parte da cultura de todos os grupos humanos se adquire mediante um processo que se denomina indistintamente *habituação*, *imitação*, ou melhor, *condicionamento* inconsciente [instrução]. (grifo do autor). (Herskovits apud Souza, 2021).

As concepções do autor têm relação com o que estudamos, no que se refere aos passos tradicionais de quadrilhas juninas, que são considerados tradicionais porque são aprendidos por um grupo social que ensina, transmitindo-os para outro grupo, para outra geração, mantendo-se sempre em movimento.

Kroeber e Kluckhohn (apud KUPER, 2002) deixam claro que o homem vai adquirindo cultura por meio de seu aprendizado e que ela determina seu comportamento e justifica suas ações. É, portanto, uma construção que se associa, com entremeios e atravessamentos, suas definições diversas, contextualizadas em grande parte pela vivência.

Edward Thompson, responsável pela primeira definição etnológica de cultura, relata que esta, sinônimo de civilização, pode ser caracterizada como todo um complexo de hábitos e capacidades humanas adquiridas a partir da constituição da sociedade, podendo ser analisada a partir de seus preceitos gerais para o estudo da ação e do pensamento humanos, associados a um contexto de abordagens descritivas de cultura, pelas quais há o entendimento que:

a cultura de um grupo ou sociedade é o conjunto de crenças, costumes, ideias e valores, bem como os artefatos, objetos e instrumentos materiais, que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de um grupo ou sociedade; e o estudo da cultura envolve, pelo menos em parte, a comparação, classificação e análise científica desses diversos fenômenos (Thompson, 2011, p. 173).

São conceitos e teorias abrangentes que incluem desde a forma como nos organizamos socialmente até as nossas crenças, valores, língua, práticas religiosas, tecnologias, alimentação, vestuário, e até mesmo a maneira como nos relacionamos com o ambiente ao nosso redor. Este conjunto de expressões humanas se molda e é moldado pelas sociedades ao longo do tempo, refletindo nossa identidade.

Definir ou classificar de maneira exata este universo tem possibilitado várias discussões e reflexões entre estudiosos ao longo do tempo. Bosi (1987, p. 7-15) percebe certa fusão entre estes diversos tipos de cultura. Segundo o autor, há “*imbricações de velhas culturas ibéricas, indígenas e africanas*”, recheadas *de um teor considerável de fusão a partir do contato interétnico que garantiu a forma plural das diversas formas de cultura brasileira*. Para Bosi, a cultura de massa acerta o passo com a produção capitalista, imposta pelo mercado internacional, e estabelece a montagem de bens simbólicos em ritmo industrial, com uma urgência de substituição e um caráter descartável, o que, aos poucos, contribui para a perda de memória social generalizada.

Exemplo desse entendimento são as expressões culturais em suas elaborações, que se relacionam com o meio, moldam-se, modificam-se ou se transformam a partir de suas características ou representações. Diante de tantos enfoques, pode-se considerar que a “cultura é vista de várias maneiras”, como bem destaca Santos (2006):

Assim, tanto no estudo de culturas de sociedades diferentes quanto das formas culturais no interior de uma sociedade, mostrar que a diversidade existe não implica concluir que tudo é relativo, apenas entender as realidades culturais no contexto da história de cada sociedade, das relações sociais dentro de cada qual e das relações entre elas. Nem tudo que é diverso o é da mesma forma. Afinal, as culturas movem-se não apenas pelo que existe, mas também pelas possibilidades e projetos do que pode vir a existir. (Santos, 2006, p. 20).

Lendo Cavalcanti (2005), percebe-se que, diante da diversidade cultural brasileira, reconhecemos que há níveis e circuitos de produção que podem ser entendidos como culturas de *massa*, *erudita*, *popular* e *folclórica*. É necessária a utilização dos termos folclore e cultura popular, procurando-se uma compreensão e identificação de formas específicas da cultura, pois como há fatos vivos em profusão, inúmeras atividades artísticas, inúmeros processos culturais é necessário que usemos os dois termos: Folclore para as manifestações de caráter espontâneo e tradicionais e cultura popular para as demais manifestações das diversas culturas populares (grifo do autor, Cavalcanti 2005, p. 25).

Para a referida autora, a compreensão do que é ou não folclore varia ao longo do tempo, sendo construída historicamente. Ele é dinâmico, como a própria vida, e, por isso, nasce e cresce também nas cidades, e não somente na singularidade do campo. Além disso, incorpora novos elementos de acordo com questões, funções e interesses da própria comunidade.

Folclore é parte identitária de um povo, reflete suas tradições, crenças e fazeres. Refere-se às tradições, histórias, mitos, lendas, canções e costumes, geralmente transmitidos oralmente ao longo do tempo. Esse mosaico, que enriquece a experiência humana, é fundamental para manter viva a história e as características de um povo, além de contribuir para preservar a identidade cultural.

Somos seres criadores de diferentes culturas e de tantos modos de vida culturais. Escrita e cantada com diversos significados, culturas não envolvem apenas as coisas materiais, em boa parte a experiência da cultura está no que nós fazemos. Está contida em tudo e está envolvida com tudo aquilo em que nós nos transformamos ao criarmos as nossas

próprias formas simbólicas e reflexivas. Vidas vividas, de um modo ou de outro, dentro de esferas e domínios de alguma vida social. A cultura existe nas diversas maneiras por meio das quais criamos e recriamos as teias, as tessituras e os tecidos sociais de símbolos e de significados que atribuímos a nós próprios, às nossas vidas e aos nossos mundos. E isto é a cultura que criamos para viver e conviver (Silva, 2008, p. 31-32).

Para o referido autor, quase tudo o que constitui uma entre as diversas culturas humanas circunda aquilo através do que nós aprendemos uns com os outros. Desse modo, aprendendo e compreendendo, pensamos, dizemos e nos comunicamos. Portanto, a cultura está presente na maneira de como devemos ser uns com os outros e, como os outros não são como nós, somos quem somos.

Como artista-docente, infiro a importância de constituir memórias para preservação e transmissão de saberes, para sua continuidade. Isso permite que gerações futuras compreendam e valorizem suas raízes culturais, proporcionando diálogos, aproximações e trocas de conhecimento, em reconhecimento e valorização dos saberes e fazeres. Considera-se, assim, que o que gera permanência de saberes é o fazer, e não somente o lembrar.

3.2 Memória, tradição e identidade

O conceito de memória, nesta pesquisa, abarca lembranças e modos de fazer dos sujeitos aqui representados, constituídos pelo registro *in loco*.

As celebrações temporais marcam o tempo cíclico da humanidade, construindo e registrando, por meio da memória, momentos significativos de sua história. É notório que as representações simbólicas estão intrinsecamente ligadas à história local, de seus sujeitos e às influências que permearam sua formação.

Reconhecer esse passado, pela vivência ou pela experiência é construir conhecimento favorecendo relações que articulam memória e história para as gerações futuras, pois o próprio homem, sujeito construtor do processo histórico, é também quem constrói as fontes e os documentos que orientarão e subsidiarão a construção da história na qualidade do saber (Delgado, 2006, p. 57).

Como base primordial das danças e de outros fazeres culturais, a memória permite que mestres e brincantes revisitem e vivam suas tradições. A cada nova experiência, o passado é evocado a partir do que foi retido e guardado, estabelecendo dinâmicas culturais que se renovam em cada criação ritualizada (Souza, 2014).

Para a referida autora, o espaço mais adequado para essa valorização é, sobretudo, a escola, onde as narrativas precisam ser fortalecidas e reconhecidas. Um exemplo disso são as lendas de origem desconhecidas, presentes na inventiva popular, que buscam explicar elementos da natureza e permanecer no imaginário coletivo. É fundamental enfatizar os traços e modos de fazer, preservados nos relatos que resistem ao tempo, assegurando seu reconhecimento e fortalecimento no meio em que inseridos (Souza, 2006).

A tradição se mantém viva por meio da memória, que, ao mesmo tempo em que é fortalecida pela tradição, fornece um contexto cultural e histórico para as lembranças coletivas. Juntas, memória e tradição sustentam a identidade cultural e histórica dos povos.

Memória e tradição são conceitos essenciais para a compreensão das identidades culturais e sociais, estando profundamente interligados. A tradição se sustenta na memória para ser preservada e transmitida, enquanto a memória é moldada e estruturada pelas tradições consentidas por uma comunidade. Desse modo, memória e tradição funcionam como pilares da identidade cultural, mantendo vivo o passado no presente e garantindo a continuidade das práticas e saberes.

Etimologicamente, a palavra tradição vem do latim *traditio*⁸ ou *tradere* (Imbelloni apud Martins, 1986:26) e significa ato de entregar ou transmitir um fato, acontecimentos, impressões, noções recebidas, costumes, usanças, valores espirituais de uma geração a outra e que, mesmo sem uma prova autêntica, se tem conservado e se mantido dentro da comunidade da qual faz parte.

A despeito das experiências com saberes e fazeres dançantes, ou seja, as danças tradicionais populares, sejam votivas ou não, é importante levar em consideração o que aprendemos com Merleau-Ponty, “quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo” (1994 apud Souza, 2014, p. 116). Ou seja, nossas imersões nessas práticas dançantes são simplesmente para aprender sobre esse corpo, sua gestualidade, e seus sentidos, pois não há outra forma de fazê-lo a não ser sendo ali com e como eles. Além de tudo isso, também digo que, pela necessidade que sentimos, de viver aquilo ali que se projeta para nós como alegria brincante e/ou fé, aprendemos também de

⁸ Nova Enciclopédia de pesquisa FASE – Editora Fase Volume 10, p. 3065.

maneira expandida sobre formas de vidas colaborativas, lutas sociais, resistência, e identificamos e passamos a conhecer um Brasil extremamente desigual (Idem, ibidem 2021).

A identidade cultural vai além do âmbito individual, sendo também uma construção coletiva, pois se fortalece no vínculo entre os membros de uma comunidade. Ela é construída a partir de elementos culturais que o grupo valoriza e preserva, e se manifesta em suas expressões.

Em relação aos diversos posicionamentos, a tradição, na verdade, não é algo detido ao passado, mas sim a ligação deste com o presente, o elo que os motiva a ir em frente, criando significados para o futuro:

É a tradição que possibilita elementos de coesão no grupo através do qual este se reconhece e se identifica e promove o que chamamos de identidade cultural. Ela permite que o indivíduo se veja, se reconheça como parte da comunidade. São os elementos comuns, idênticos, como falam, do que mais gostam, como rezam, no que acreditam, que os distinguem como povo deste ou daquele lugar (Macena, 2002, p. 27).

Se as práticas são múltiplas e seu campo de atuação se expande continuamente, isso se deve, em parte, aos desafios práticos e estruturais frequentemente enfrentados. Entre eles destacam-se a escassez de recursos e materiais, além da falta de formação específica na área, fatores que impactam diretamente o desenvolvimento e a continuidade

Essas restrições e limitações têm restringido o tempo disponível para a reflexão sobre as práticas realizadas, e enfrentar esse desafio é essencial para o avanço das experiências educativas. Torna-se urgente reconhecer que, ao invés de um excesso, há uma carência de reflexão teórica e crítica sobre a Educação Patrimonial (Tolentino, 2012).

As tradições desempenham um papel fundamental na identidade cultural, funcionando como um mecanismo para preservar e promover a herança de um povo. Elas criam uma ponte entre gerações, permitindo que os mais jovens compreendam seu valor e se reconheçam nelas. Embora muitas vezes associadas à preservação do passado, as tradições são dinâmicas e se transformam ao longo do tempo. À medida que as sociedades evoluem, podem ser reinterpretadas e adaptadas para identidade novas necessidades, valores e contextos culturais, garantindo uma cultura viva e relevante em um mundo em constante mudança.

Segundo Souza (2021), a prática das danças tradicionais populares, quando compartilhadas em forma de performance, constitui um conhecimento aprendido, tendo o corpo como território fecundo para a inscrição, experimentação e manutenção do que foi transmitido.

Apesar das dinâmicas que envolvem tradição, retraditionalização e recriação contemporânea dos saberes tradicionais, essa prática, em seu ponto de vista, é essencial. Ao refletir sobre a imaterialidade das danças e folguedos, destaca essas ações como vivas de salvaguarda da cultura brasileira. O processo prático do saber-fazer e do saber-dançar não exclui outras formas de registro, igualmente permitidas, mas nenhuma delas substitui a vivência do ato de dançar.

A relação entre identidade cultural e educação patrimonial é fundamental para a valorização, preservação e transmissão dos elementos culturais de uma sociedade. A identidade cultural não é estática; ela se constrói e se transforma continuamente por meio da interação entre os indivíduos e seu patrimônio cultural, garantindo a continuidade e a adaptação das tradições ao longo do tempo.

3.3 Educação patrimonial e culturas

No Brasil, a concepção de patrimônio cultural foi construída ao longo de um processo histórico que deu origem tanto a um campo de políticas públicas quanto a um campo de estudos acadêmicos. Embora a Constituição Federal de 1988 seja o marco legal para a política de patrimônio imaterial, Fonseca (2005, p. 99) observa que, já em 1936, o anteprojeto de criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), elaborado por Mário de Andrade, reconhecia a relevância de fatos culturais hoje denominados imateriais ou intangíveis como elementos de interesse patrimonial para os poderes públicos.

Entretanto, o projeto eficaz de criação da instituição não priorizou esse aspecto, que só veio a se consolidar posteriormente com a formalização de documentos relativos ao patrimônio imaterial. Em 2000, o Decreto nº 3.551, de 4 de agosto, e a Resolução nº 001, de 3 de agosto, instituíram o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI). O decreto define como bens culturais imateriais as celebrações, os lugares, as formas de expressão e os saberes. Já a Resolução nº 001, de 3 de agosto de 2006, estabelece os procedimentos para a instauração e formalização do processo administrativo de registro desses bens.

A educação patrimonial é um conceito central para a valorização e preservação das culturas, especialmente em sociedades plurais e diversificadas. Ela está intimamente ligada à forma como entendemos e respeitamos diferentes tradições, práticas e saberes, além de servir como uma ponte para fortalecer a conexão entre o passado e o presente, preservando o legado cultural para futuras gerações, incentivando ações sobre e com o saber fazer.

O patrimônio imaterial é constituído por práticas, representações, expressões, lugares, conhecimentos e técnicas que os grupos sociais reconhecem como parte fundamental de sua identidade cultural. Essas manifestações refletem a memória coletiva e a continuidade das tradições, garantindo a preservação e a valorização do patrimônio cultural. Em relação ao reconhecimento de seu patrimônio imaterial, o Ceará, em sua missão de preservar e salvaguardar os principais artífices, vem caminhando com certo êxito, na medida da política pública dos Tesouros Vivos⁹.

No entanto, é necessário aproximar os diversos 'Cearás' que a mídia não apresenta, mas que compõem a rica e complexa trama da cultura cearense. Há uma carência significativa de publicações sobre o tema em diversos níveis, embora algumas obras de origem universitária estejam disponíveis. Por outro lado, ainda são escassos os livros com propostas pedagógicas. O planejamento das atividades escolares, em sua maioria, enfatiza costumes e tradições de diferentes regiões, muitas vezes alheias à nossa realidade cultural. Na escola e na educação popular, é essencial que esses espaços reconheçam e valorizem os costumes locais, os registros comunitários e os saberes e fazeres de seu povo. Dessa forma, os jovens poderão perceber, aprender e valorizar sua própria cultura (Souza, 2006).

Pensar a preservação do patrimônio cultural sem vinculá-lo à transmissão, difusão e apropriação é impossível no que se refere aos sentidos e valores atribuídos aos bens culturais. Sem essa preocupação, o recurso aos instrumentos legais de proteção fica reduzido a um conjunto de meros atos declaratórios de valor, cujos eventuais efeitos na limitação de direitos de uso dos bens protegidos podem ser apreciados negativamente por setores da sociedade, na medida em que a preservação do patrimônio seria percebida como cerceamento à liberdade individual e obstáculo ao desenvolvimento. Essa orientação reduziria as políticas de patrimônio a iniciativas de alcance restrito, valorizadas apenas por grupos já familiarizados com a temática da preservação, distanciando-as, portanto, do objetivo que historicamente as justifica – o seu interesse público (Tolentino, 2012, p. 14).

O termo patrimônio, de origem latina (*patrimonium*), designa os bens recebidos por herança paterna, familiar, e, por extensão, vem sendo utilizado para nomear o legado de uma geração a outra, não apenas no âmbito da família,

⁹ A Lei Estadual nº 13.842, de 27 de novembro de 2006, instituiu o Registro dos Tesouros Vivos da Cultura no Ceará. Esta lei é uma revisão e ampliação da Lei nº 13.351, de 22 de agosto de 2003, que instituiu o Registro dos Mestres da Cultura Tradicional Popular do Estado do Ceará.

como também dos grupos sociais, dos Estados nacionais e mesmo da humanidade pela Unesco¹⁰ (Tolentino, 2012, p. 14)

Compreendemos, pela leitura de Tolentino, que Educação patrimonial é uma abordagem educacional que visa promover a valorização, preservação e entendimento do patrimônio cultural e histórico de uma sociedade e que por meio dela, as comunidades podem desenvolver um senso de identidade e pertencimento. Desempenha um papel crucial na nossa compreensão e apreciação do passado, ajudando-nos a conectar com as raízes culturais e históricas que moldaram nossa sociedade. Ela envolve ensinar as pessoas sobre a importância dos bens culturais.

Podemos afirmar que a preocupação com a importância da dimensão educativa na tarefa de valorizar, preservar e difundir o patrimônio cultural está presente já no pensamento de Paulo Duarte, quando diz:

O meu modo de ver é que esta campanha, a lei federal sobre o nosso patrimônio, e a lei estadual idêntica que você está preparando, são como a escola primária. Não basta ensinar o analfabeto a ler. É preciso dar-lhe contemporaneamente o elemento em que possa exercer a faculdade nova que adquiriu. Defender o nosso patrimônio histórico e artístico é alfabetização. Não disseminados organismos outros que salientem no povo o valor e a glória do que se defendeu, tudo será letra morta, gozo sentimental e egoístico de uma elite. E a defesa jamais será permanente e eficaz (Paulo Duarte apud Tolentino 2012).

Defender o patrimônio histórico é garantir a preservação, proteção e valorização de bens e locais que possuem importância cultural, histórica e identitária para uma comunidade, nação ou para a humanidade como um todo. Esse processo envolve ações para salvaguardar monumentos, edifícios, sítios arqueológicos, documentos, obras de arte e outros itens que contam a história de um povo e refletem sua trajetória ao longo do tempo.

Muita coisa foi publicada neste percurso. O patrimônio imaterial ou intangível é um dos instrumentos para promover o respeito à diversidade cultural e a criatividade humana, sendo um conceito que complementa o patrimônio material na formulação de políticas de proteção e salvaguarda dos patrimônios culturais.

¹⁰ Em 1972, a Unesco criou, com a Convenção sobre a salvaguarda do patrimônio mundial, cultural e natural, a figura de *Patrimônio da Humanidade*, e a Lista do Patrimônio Mundial para a inscrição dos bens assim declarados.

No que se refere às festas, celebrações, rituais e manifestações culturais que fazem parte da identidade de uma comunidade ou grupo social, temos o patrimônio festivo. Esse tipo de patrimônio faz parte do que é chamado de patrimônio cultural imaterial, reconhecido pela UNESCO como fundamental para a diversidade cultural e a continuidade das práticas culturais. As festividades, muitas vezes transmitidas de geração em geração, têm um valor simbólico e cultural profundo e desempenham um papel central na preservação das tradições e da memória coletiva de uma sociedade.

O patrimônio festivo deixa de ter sentido se as pessoas não o renovam constantemente, incluindo-o na vida atual da comunidade. Diferente do patrimônio material arqueológico, arquitetônico e artístico, que depende, de certa forma, da estrutura administrativa oficial para sua conservação e difusão, a festa patrimonial é garantida pelo povo, tem uma relação com o passado. Pela tradição, se torna presente e atual no grupo que a exercita e isto a mantém viva de uma geração a outra (Macena Filha, 2002, p. 37).

O Nordeste é uma espacialidade fundada historicamente, originada por uma tradição de pensamento, uma imagística e textos que lhe deram realidade e presença. A construção dessa identidade se manifesta principalmente na diversidade da cultura que se instala na região, no momento em que o povo assume raízes e se reconhece na constituição de suas memórias enquanto tradição (Ribeiro, 2002).

No Nordeste do Brasil, onde a festa junina é particularmente popular, o celebrar alegre, mostra diversidade cultural. As celebrações podem diferir por região, sobre as quais nos referimos a seguir.

3.4. Festa Junina

A festa junina tem origem rica e diversa, que mistura elementos de tradições pagãs europeias com influências religiosas cristãs e adaptações locais nas culturas onde foi introduzida. O contexto histórico dessa celebração está ligado a uma série de fatores culturais, religiosos e agrícolas que, ao longo do tempo, se uniram para formar as características da festa como a conhecemos hoje, particularmente no Brasil.

Tem suas origens nos povos arianos e romanos na idade antiga. A população do campo realizava com o intuito de espantar espíritos maus que causavam a esterilidade da terra, as pestes dos cereais e as estiagens. Ao longo do tempo sofreu mudanças como a apropriação da igreja católica, onde cristianizou e a deu padroeiros, como Santo Antônio, São João e São Pedro

(Araújo, 1973 *apud* Campos, 2007). O significado da festa vem mudando ao longo da história, assumindo diversas significações conforme a influência do contexto.

No entanto, é importante acompanhar os elementos constitutivos da festa, signos representativos como o fogo e a fogueira, somente como exemplo que atravessa o tempo e segue no imaginário popular, descritos neste trecho musical:

Diz-se que Santa Isabel disse a prima, Maria
 João, vindo ao mundo, lhe aviso no dia
 A ver, no meu rancho, um grande clarão
 De uma fogueira, nasceu São João
 Por isso é que o mundo, com muita razão
 Assim festeja o senhor São João

Luiz Gonzaga (Lenda de São João, 1956)

Em meio a tantas histórias citadas por diversos autores, trago relatos bíblicos: Isabel, a mãe de João Batista, que era estéril, apesar de sua impossibilidade biológica e idade avançada, conseguiu engravidar. Ao revelar à sua prima Maria, sobre o que considerava milagre, disse que lhe avisaria sobre o nascimento do seu filho acendendo uma grande fogueira.

Esta versão bíblica ancorada na dimensão do sagrado, explicaria a prática de acender fogueiras no dia 23 de junho, como uma comemoração prévia da data do nascimento de João Batista, que seria dia 24 do referido mês. Essa versão religiosa é diferente de outras que atribuem a fogueira a práticas pagãs na Europa, com a cristianização das festas juninas, essa narrativa ganhou força no Brasil, um extenso país predominantemente católico, e impulsionou a dimensão profana, na medida em que a fogueira acesa na frente da casa, além da dimensão simbólica na perspectiva de rememoração ritualística de natureza religiosa, se constitui um elemento celebrativo da dimensão lúdico-festiva (Lima, 2021 p. 10).

Desde os tempos antigos, o fogo esteve presente nessas festas. Segundo Câmara Cascudo, “não há culto mais amplo, nem mais antigo que o culto ao fogo, afugenta fantasmas noturnos em qualquer parte do mundo. Acendiam-se fogueiras desde as ilhas da Inglaterra até a Europa Central e da Escandinávia até o Norte da África (Cascudo, 1954). As tradições festivas, são fazeres celebrados no festejar, que a seu modo ocorrem, sendo parte da quadrilha junina.

Para Jadir Pessoa “não só no ato do descobrimento, mas também, ao longo dos três séculos de nossa condição de Colônia, nossa vida cultural foi sendo gradativamente formada pelos costumes europeus, via Portugal”. O Professor Jadir ainda assegura que, no “período imperial esta europeização prosseguiu, mas com outros componentes populacionais” (Pessoa,

2005, p. 23). Nesse sentido, é possível observar que, no Brasil, as festas juninas apresentam elementos que as constituem como uma das manifestações culturais mais representativas do povo brasileiro, reafirmando a grande variedade da diversidade cultural nacional.

Esta festa pode ter duas finalidades: uma ligada a rituais e outra ligada ao comportamento comunicativo. No entanto, podem-se criar conflitos decorrentes dos objetivos populares quanto à religiosidade e o aspecto turístico de diversão e alegria (Amaral, 1998).

Entretanto, a referida autora destaca que as festas brasileiras podem ser enquadradas como expressão da discursividade quanto à negação ou reiteração da vida social dos participantes. Existe uma discussão dos participantes neste espaço social, entre o produzido e disseminado com a subjetividade de cada contexto.

A festa junina foi tradicionalmente inserida no calendário popular como festa religiosa, devido a sua forte identidade com o catolicismo popular. Segundo Pessoa (2005, p. 26) “ao longo dos séculos, a Igreja Católica foi assumindo a maioria dos símbolos das festas juninas, inserindo neles a sua lógica organizativa e os seus valores religiosos e rituais”.

Um dos elementos constituintes da cultura é a festa, expressão humana que remete a significações e símbolos. Este fenômeno é influenciado e construído por elementos da história, contexto, ideologias, política, economia, etc. Dessa maneira, Amaral (1998) aponta que, no Brasil, esta manifestação popular tem certas atribuições devido às condições de vida econômica e social.

A compreensão do sentido da festa na atualidade pode ter, em alguns locais, objetivos diferentes, onde a ideia de manifestação cultural perpassa especialmente uma ideia urbano-industrial de mera mercadoria (Morigi, 2002).

Neste sentido, a festa junina continua a ser celebrada com entusiasmo em todo o Brasil, mas seu caráter e forma festiva têm passado por adaptações que refletem a urbanização, a modernização e a diversidade cultural nos seus fazeres, a depender de vários fatores, como a regionalidade.

Segundo Rita Amaral, embora tenha havido o empobrecimento de algumas festas que eram mais pomposas no passado, atualmente, no Brasil, as festas crescem em todos os sentidos, especialmente em luxo e participação:

Pode-se dizer que a festa é uma das vias privilegiadas no estabelecimento de mediações da humanidade. Segundo Amaral, a festa brasileira se liga essencialmente à religião e, desde o período colonial, a sociabilidade brasileira encontra-se estreitamente relacionada à realização de festas, considera que existe mesmo um modelo brasileiro de festa e que no Brasil a disposição para a festa constitui traço marcante da identidade nacional (Amaral, 1998, p.52).

A Festa Junina compreende muitos fazeres, ritos e celebrações, seja no terreiro de chão batido ou nos festivais de grande porte, sendo uma das diversas manifestações da identidade brasileira, gerando oportunidades de preservar tradições, valorizar a cultura local e fortalecer laços comunitários e identitários.

No Ceará, percebe-se que a festa junina vem sempre associando sagrado e profano na forma como tudo ocorre para favorecer os santos do mês de junho, apesar de se perceber que, popularmente, muitas vezes eles estão apenas na imagem da bandeira, enquanto o universo mais jovem que festeja não pensa diretamente no cosmos sagrado. No entanto, ancestralmente, dançar é também rezar. As quadrilhas juninas são uma das manifestações mais características deste festejo no Brasil, combinando dança, música e teatralidade.

A relação estreita entre religião e festas foi apontada por Durkheim (1989, p. 372), para quem “nos dias de festa, a vida religiosa atinge grau de excepcional intensidade”. Segundo o autor, estas comemorações surgiram da necessidade de separar o tempo em dias sagrados e profanos (1989, p. 373). Referindo-se ao descanso religioso, Durkheim (1989, p. 372/373) lembra que o caráter distintivo dos dias de festa corresponde, em todas as religiões conhecidas, à pausa no trabalho, à suspensão da vida pública e privada, à medida que estas não apresentam objetivo religioso. O que constitui essencialmente o culto é o ciclo das festas, que retornam regularmente em épocas determinadas.

Durkheim salienta também (1989, p. 452) a importância dos elementos recreativos e estéticos para a religião, comparando-os a representações dramáticas e mostrando (1989, p. 453) que às vezes é difícil delimitar com precisão as fronteiras entre o rito religioso e o divertimento público. De acordo com o autor (idem, ibidem):

a própria ideia de cerimônia religiosa de alguma importância, desperta naturalmente a ideia de festa. Inversamente, toda festa apresenta determinadas características de cerimônia religiosa, pois em todos os casos, tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes até de delírio que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. O homem é transportado para fora de si mesmo, distraído de suas ocupações e de suas preocupações ordinárias. Assim, de ambas as partes se observam as mesmas manifestações: gritos, cantos, música,

movimentos violentos, danças, procura de excitantes que restaurem o nível vital, etc. Observou-se muitas vezes que as festas populares levam a excessos, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito, o mesmo se dá com as cerimônias religiosas que determinam uma necessidade de violar as regras normalmente mais respeitadas (Durkheim, 1989, p. 456).

Para o referido autor, as celebrações criam um estado de efervescência, que tem parentesco com o estado religioso. O sagrado e o festivo têm, portanto, pontos em comum e provocam exaltação e comoção. Embora diversos autores definam esta historicidade, nesta pesquisa optamos por estes.

O festejo junino, enquanto manifestação cultural de ampla relevância social, constitui-se como um espaço de celebração, memória e identidade coletiva. Essa prática cultural, capaz de promover pertencimento e continuidade histórica, reafirma a importância da cultura popular nesse contexto. A quadrilha junina se destaca como uma das expressões centrais.

4 VAI COMEÇAR O ARRAIÁ: QUADRILHA JUNINA

A quadrilha tem características próprias de um grande baile, marcado por interações interpessoais, a partir de uma combinação sonora e harmônica dos participantes. De acordo com o Dicionário do Folclore brasileiro, a quadrilha foi:

a grande dança palaciana do século XIX, protocolar, abrindo os bailes da corte em qualquer país europeu ou americano, tornada preferida pela sociedade inteira, popularizada sem que perdesse o prestígio aristocrático, vivida, transformada pelo povo que lhe deu novas figuras e comandos inesperados, constituindo o verdadeiro baile em sua longa execução de cinco partes, gritadas pelo marcante, bisadas, aplaudidas, desde o palácio imperial até os sertões. (Casudo, 2012, p.587).

Com características de uma contradança, trazida para o Brasil pela família real portuguesa e seu ciclo social no século XIX, sofreu modificações e, desse modo, transitou nas tradições dos portugueses, burgueses e camponeses do Brasil (Albuquerque et al., 2020). A quadrilha era realizada com quatro ou oito casais que se ordenavam em fila e formavam um quadrado daí o nome quadrilha. Logo, também existe um contexto onde essa dança faz parte de uma comemoração em um casamento (Chianca, 2013).

A definição histórica da quadrilha junina, quando dançada para o imperador, caracterizada pela pesquisadora e antropóloga Luciana Chianca, diz que esta é:

Originária de uma contradança de mesmo nome trazida ao Brasil pela corte imperial portuguesa, ela teve suas figuras e passos modificados ao longo do tempo e dos lugares em que foi sendo executada. A princípio eram quatro ou oito casais que se organizavam em duas filas, uma em frente à outra, com as quatro extremidades formando um quadrado – daí seu nome francês, quadrilles em espanhol, cuadrilhas; em italiano, quadriglia (Chianca, 2013 p. 50).

Esta forma de expressão que chega ao Brasil como dança de corte, se dissemina na primeira metade do século XIX e logo se incorpora aos modernos comportamentos que se inauguravam com a nova época, modelada pelos chamados estrangeirismos. O estilo de vida parisiense se fazia notar nos modos de se vestir, alimentar-se, comportar-se em público, entre outros hábitos reproduzidos no cotidiano das principais capitais brasileiras.

Inserida no cerimonial das danças programadas para os bailes imperiais, a quadrilha era composta de cinco partes, que recebiam denominações em francês: *La Châne Continue des dames. La nouvelle trénils. La Corbeile. Double Pastourelle e Le Torubillon*. Cada uma delas

admitia passos diferentes, medidas e volteios, embalados por ritmos como a polca, a valsa, o galope, a mazurka e o schottische (Zamith, 2011).

A quadrilha, sendo uma manifestação cultural que enfrenta uma complexa transformação, traz hoje visíveis incorporações de certos aspectos positivos e negativos. Neste sentido, Chianca (2013) aponta que a história do casamento muitas vezes é traduzida em imagens críticas e cômicas.

Colaborando nesta ideia, Campos (2007) afirma que a quadrilha junina é fortemente criticada pelo estereótipo dos personagens do campo, os preconceitos sofridos e as manifestações religiosas mal interpretadas e produzidas, como casamento realizado como um deboche nas manifestações escolares. Às vezes se passa despercebido, mas questionar essas transformações é de grande importância e de suma relevância no nosso cenário acadêmico. Às vezes, o que é divertido para uns pode ser constrangedor ou depreciativo para o outros.

Walden Luiz apresenta a realidade dessa manifestação no Ceará. As festas juninas, com seus encantos, sua poesia, suas comedias, lendas, crenças e diversões, ainda hoje constituem, tanto no interior como na cidade, um dos mais populares e tradicionais motivos de conagração e transmissão de costumes e conhecimentos de geração a geração. Trazidas pelos portugueses, as festas juninas em devoção a Santo Antônio, o casamenteiro, a São José e São Pedro, tiveram grande aceitação no gosto dos brasileiros, e espalharam-se por todo território nacional, adquirindo coloração local de acordo com as regiões.

Mesmo com a interferência de outras culturas e outros cultos em nosso meio, não se conseguiu arrefecer a chama que nos une ao passado, nem apagar de todo o brilho das fogueiras, abafar a sonoridade dos foles, nem do pipocar dos fogos. Diz ainda que:

“... toda sua narrativa é descrita a partir do que leu ou que alguém lhe contou, se não contou pelo menos disseram que contaram, pois, a maioria das histórias se passa com alguém que conta que conheceu, que passou ou fez ou que alcançou alguma coisa, mas, não foi propriamente com ele. Mas, para não perder um amigo, escuta e anota, sem tirar nem pôr. Ou que sua narrativa leu em algum lugar, que não lembra, mas onde, é apenas o que está na medida de suas poucas e fracas forças, revela que mesmo não realizando uma grande obra literária, fez o que está na medida de sua capacidade.” (Luiz, 2020, p. 13).

Em 2023, foi iniciado o processo de elaboração do dossiê de Registro das Quadrilhas Juninas como Patrimônio Cultural Imaterial de Fortaleza, idealizado pela Secretaria da Cultura de Fortaleza – Secultfor, tendo à frente do setor a Sra. Graça Martins. Essa foi a primeira

experiência no Brasil de Registro das Quadrilhas Juninas como Patrimônio Cultural Imaterial concluída, sob a coordenação geral de Aterlane Martins¹¹.

Registramos ainda que, em 2004, uma política de salvaguarda mais estruturada e sistemática começou a ser implementada pelo IPHAN,¹² a partir da criação do Departamento do Patrimônio Imaterial (DPI).

O coordenador geral convidado apresenta as dimensões abordadas numa perspectiva patrimonial, que resultam na fundamentação para a compreensão de como a quadrilha junina contemporânea, em sua diversidade e na especificidade, constitui-se em bem cultural com valores patrimoniais, a ser reconhecido e salvaguardado pelo Poder Público, conforme prevê o processo de Registro dos Bens Culturais Imateriais, de acordo com legislação municipal e correlatas.

Este dossiê de registro das quadrilhas juninas, patrimônio cultural imaterial de Fortaleza, caracterizado por sua relevância, evidencia valores históricos, sociais, artísticos e culturais, em referência a continuidade histórica do bem e sua relevância local para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira. Cumpridos os requisitos legais, as quadrilhas juninas da cidade de Fortaleza foram inscritas no Registro do Patrimônio Cultural¹³ conforme a Lei municipal Nº 9.347, de 11 de março de 2008.

A quadrilha junina cumpre, a partir de sua caracterização amplamente estabelecida, a condição de bem cultural de natureza imaterial passível de patrimonialização pelo registro. Isso garante um Plano de Salvaguarda com proposições de ações, que segue o trâmite legal no âmbito do Poder Executivo (Prefeitura/Secultfor), sendo entregue à COMPHIC para sua apreciação e aprovação do Parecer Técnico da Célula de Patrimônio Imaterial. O momento solene ocorreu no dia 03 de julho de 2024, no Centro Cultural Belchior.

Essa manifestação popular, que se desenvolveu muito no Brasil, posteriormente a partir da criação das instituições juninas e com o envolvimento e afirmação destas, passou a se reconhecer e se constituir como o movimento cultural e social, formalizando-se com a criação

¹¹ Integra o Grupo de Estudos e Pesquisa em Patrimônio e Memória – GEPPM/UFC/CNPQ, integra o quadro de pesquisadores do Grupo de Estudos em Cultura Folclórica Aplicada – IFCE/CNPq, membro da Associação Nacional dos Profissionais de História ANPUH.

¹² Decreto Nº. 7.387, de 9 de dezembro de 2010 o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL).

¹³ Como rege o seu capítulo VI – Do Registro de Patrimônio Imaterial, no Livro das Formas de Expressão (Inciso III, do parágrafo I).

de instituição legalmente constituídas em território nacional, com a finalidade de organizar os quadrilheiros e promover as quadrilhas e os festivais juninos.

A quadrilha junina é uma das expressões mais significativas da cultura popular brasileira, especialmente no Nordeste, onde adquiriu forma própria e forte valor identitário. Nesse contexto, emergem as instituições juninas, federações e associações que, segundo Oliveira (2018), atuam como guardiãs das tradições e promotoras da valorização da cultura popular, garantindo sua continuidade como patrimônio cultural e expressão viva da identidade nordestina.

No Ceará, muitos municípios organizam seus festivais, na grande roda festiva, onde o fazer quadrilheiro, com seus brincantes, envolve também muitos profissionais em diversos segmentos, que compreendem dança, teatro, música, aderecistas, produção... As instituições vigentes buscam atuar no fortalecimento da cultura junina, para celebrar e valorizar a identidade local. Apresentamos, no próximo capítulo, as instituições juninas em atuação em nosso estado.

5. GRANDE RODA: AS INSTITUIÇÕES JUNINAS – MOVIMENTO JUNINO DO CEARÁ

Nesta seção, apresentamos as entidades/federações do movimento junino do estado (CE) em atividade, que são: Federação de Quadrilhas do Ceará - FEQUAJUCE, Federação dos Eventos Juninos e Culturais do Ceará - FEJUC, União Junina do Ceará - UJC, Federação do Movimento Junino do Interior do Ceará - MOJUNI e Festejo Ceará Junino – São João do Ceará.

A importância dessas organizações transcende as barreiras territoriais e influencia a formação de um movimento junino regional e nacional. Estas instâncias têm formado, ao longo dos anos, lideranças políticas do movimento junino, que promovem e mobilizam suas bases, os quadrilheiros e as quadrilhas de competição, fomentando a cultura junina. Apresenta-se também o Festejo Ceará Junino, projeto da Secretaria de Cultura do Ceará - Secult/CE, refletindo sobre esta política de fomento para as tradições juninas.

As instituições juninas, em seus processos, no âmbito educacional e cultural, desenvolvem formações, em formato híbrido e presencial, proporcionando intercâmbios, fruição cultural e transmissão de saberes. As instituições utilizam suas planilhas, elaboradas com critérios escolhidos em assembleia por seus filiados, para as avaliações nas competições, seguindo os padrões das instituições juninas do Ceará.

5.1. FEQUAJUCE¹⁴

Fundada em 1990, pioneira e influenciadora de outras instituições, a Federação das Quadrilhas Juninas do Ceará – FEQUAJUCE é uma entidade civil, de caráter cultural, folclórica, social e educativo, de personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, que tem por objetivo a preservação da cultura e do movimento junino do Ceará, através da construção de modelos de desenvolvimento social, sendo isenta de quaisquer preconceitos ou discriminações.

Foi pensada para atuar em todo o território cearense, promovendo a integração entre as quadrilhas e os festejos juninos do estado através de programas socioculturais, folclóricos e econômicos, em conjunto com os órgãos governamentais, não governamentais e com a iniciativa privada. Pode organizar e promover congressos, simpósios, encontros, jornadas, seminários, cursos, fóruns, oficinas e/ou quaisquer eventos relacionados às atividades juninas.

¹⁴ Mapa cultural <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/17511/> Instagram @fequajuce.

Além disso, firma convênios, contratos, parcerias e intercâmbios, promovendo iniciativas conjuntas com organizações e instituições públicas e/ou privadas, nacionais e/ou estrangeiras; procura preservar e difundir os valores da cultura junina cearense buscando seu reconhecimento regional e nacional.

Também propõe aos seus membros, a realização de audiências públicas nas casas legislativas municipais e estaduais, objetivando discutir os rumos do movimento junino no estado. Atualmente é presidida por Anderson Assunção. Esta e as demais instituições têm assento no Comitê Gestor¹⁵.

Figura 1 - Logomarca da Fequajuce



Fonte: Acervo e Autoria Institucional.

5.2. FEJUC¹⁶

A Federação dos Eventos Juninos e Culturais do Ceará, fundada em 2007 em Fortaleza, com a finalidade de representar os promotores e organizadores, mantendo parcerias com diversas prefeituras, promovendo seminários, organizando e realizando eventos culturais dos mais variados gêneros.

É uma instituição de direito privado, sem fins lucrativos, que apoia e representa promotores e organizadores de eventos juninos e culturais, quadrilhas juninas e jurados dos festejos juninos e de outras expressões artísticas, incentivando e valorizando as manifestações tradicionais populares.

¹⁵ O Comitê Gestor do Festejo Ceará Junino é um grupo constituído por representantes das entidades juninas, que tem como objetivo idealizar e fomentar a realização do Festejo Ceará Junino – São João do Ceará, que são acompanhadas e custeadas pela Secretaria de Cultura do Ceará.

¹⁶ Mapa cultural <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/16205/> Instagram: @fejucceara.

Atua em parceria com diversos grupos juninos, com envolvimento das quadrilhas juninas da diversidade, aquelas oriundas das comunidades rurais, assentamentos, grupos de terceira idade, grupos de pessoas com deficiência física, comunidades quilombolas e escolas públicas. Sua atuação justifica-se por sua importância cultural, social e econômica, uma vez que ajuda a manter vivas as tradições, valorizando a cultura popular, seja na capital, no interior, ou em pequenas localidades que acendem a fogueira e celebram a manutenção da sua identidade cultural. Atualmente, é presidida por Áurea Camilo.

Figura 2 - Logomarca da FEJUC



Fonte: Acervo e Autoria Institucional.

5.3. UNIÃO JUNINA¹⁷

A União Junina do Ceará – UJC estatutariamente foi constituída em março de 2014, na cidade de Fortaleza/CE, por tempo e duração indeterminados. É uma entidade civil, de caráter social, cultural, assistencial, educativo e filantrópico, sem fins econômicos, de natureza jurídica de direito privado, organização não governamental, com atuação em todo território cearense.

Surgiu de uma divergência do movimento, a partir de uma separação dos grupos filiados à FEQUAJUCE, estabelecendo-se naquele momento tendo metade do movimento junino ao seu lado. Tem por objetivo fomentar a cultura de modo geral, enfatizando o movimento junino. A partir de então, passou a realizar grandes festivais e eventos, como o Nacional, o Inter estadual, etc. Seu diferencial é a filiação de profissionais da cultura, algo que

¹⁷ Mapa cultural <https://mapacultural.crateus.ce.gov.br/agente/26089/%7B%7Bseal.singleUrl%7D%7D>
Instagram @uniaojuninace.

outras instituições não realizavam, mas passaram a realizar, atuando na filiação das quadrilhas, na realização de eventos, formações e demais atividades correlatas.

A entidade foi responsável pela elaboração do dossiê de registro em 2015, com os presidentes Kiko Sampaio e Paulo Sergio, submetido ao edital de seleção dos Tesouros Vivos da Cultura do Ceará, ação que contribuiu para o reconhecimento, a proteção e valorização dos conhecimentos e expressões das culturas populares e tradicionais. Destaca-se a Sra. Mazé Costa, da cidade de Caucaia, tesouro vivo e primeira mestra diplomada da cultura junina. Atualmente esta instituição é presidida por Kelly Lima.

Figura 3 - Logomarca da UJC



Fonte: Acervo e Autoria Institucional

5.4. MOJUNI¹⁸

A Federação do Movimento Junino do Interior do Ceará - MOJUNI, criada em 2017, atua em todo o território cearense, com o objetivo de organizar e promover eventos relacionados à cultura junina e formações de jurados.

Em suas realizações, firma convênios e parcerias para a promoção de iniciativas conjuntas com organizações e instituições públicas e/ou privadas, buscando preservar e difundir a cultura junina cearense. Em sua atuação, também propõe, junto com seus membros, a realização de audiências públicas nas casas legislativas municipais e estaduais, objetivando discutir os rumos do movimento junino do interior do estado. Desde sua criação, é presidida por Vando Rodrigues.

¹⁸ Mapa cultural <https://mapaculturalhomolog.secult.ce.gov.br/agente/35246/> Instagram @mojuni_oficial

Figura 4 - Logomarca da MOJUNI



Fonte: Acervo e Autoria Institucional.

5.5. FESTEJO CEARÁ JUNINO¹⁹

O Festejo Ceará Junino, existe desde 1998, idealizado por Eliza Gunther, atuante em algumas edições como curadora. Integra a Política de Patrimônio Cultural Imaterial da Secretaria da Cultura do Ceará (Secult CE), por meio de edital voltado para o ciclo junino, contribuindo para a manutenção da dinâmica da produção e sustentabilidade econômica e social dos grupos e festivais do ciclo junino.

Possui função social no fomento à economia artística, criativa e cultural, assumindo um papel de permanência de atividades culturais e reconhecendo a cultura como direito fundamental que deve ser assegurado a todos. É promovido com recursos oriundos do Fundo Estadual da Cultura (FEC), utilizado nas manifestações artísticas regionais da cultura popular. A seguir registro de encontro junino na etapa final do Festejo Ceará Junino na cidade de Sobral.

Figura 5 – Eliza Gunther idealizadora do Ceará Junino e a autora



Fonte: Acervo da autora, 2024.

¹⁹ Mapa cultural <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/projeto/1072/>

Se estabeleceu para percorrer todo o estado a partir dos Festivais Regionais. Anualmente, um edital é lançado, e a empresa selecionada atua como produtora do Festejo. Desde o seu evento festivo de lançamento, nas ações formativas da comissão julgadora, presidentes de mesa e pesquisadores, de modo híbrido e presencial, atuantes nas etapas dos 21 festivais regionais, culminando na etapa final, encerrada com o seminário de formação e planejamento. Ocorre com uma vasta programação, incluindo um certame de ampla participação popular, promovendo a difusão da cultura junina.

Essa ação fortalece a dinâmica da produção junina e contribui para a sustentabilidade econômica e social dos grupos envolvidos, garantindo a preservação e a continuidade desse importante manifesto, estando presente em todas as macrorregiões do estado, culminando com o Campeonato Estadual de Quadrilhas Juninas. O Ciclo Ceará Junino, desempenha um papel essencial na continuidade das atividades culturais, abrangendo diversas linguagens artísticas, expressões populares e áreas técnicas, promovido pelos atores e fazedores de cultura do estado, reafirmando o direito cultural fundamental, que deve ser garantido a todos.

O Estado do Ceará se orgulha em celebrar o Festejo Ceará Junino, atualmente São João do Ceará, uma das mais vibrantes expressões de nossa cultura popular. Mais do que uma tradição, essas celebrações representam uma oportunidade de práticas no desenvolvimento socioeconômico e turístico, fortalecendo a economia local e promovendo a valorização de nossa identidade cultural. Com um olhar atento e comprometido, há a importância de manter viva essa ligação, preservando os saberes e a memória do povo, caracterizando-se como uma ação de democratização do acesso aos bens e serviços culturais, criando espaços para a transmissão de saberes e fazeres entre gerações.

Chegamos a um momento essencial deste percurso investigativo: o encontro com os sujeitos e os espaços que dão corpo e sentido à cultura junina. Após a contextualização teórica e histórica realizada nos capítulos anteriores, o próximo capítulo se dedica a apresentar o cenário empírico da pesquisa. A narrativa que se segue busca, portanto, não apenas descrever um campo de pesquisa, mas também reconhecer o valor simbólico e afetivo que o compõe.

6 NO BALANCÊ: AGENTES DA PESQUISA DE CAMPO

Apresentamos o cenário constitutivo com os participantes deste registro, composto por duas quadrilhas e o tesouro vivo desta expressão cultural, com os quais se realiza o registro dos passos tradicionais, razão desta pesquisa, para elaboração de catálogo digital, contribuindo para os processos de criação de quadrilhas.

6.1 Quadrilha Infantil Cai Cai Balão²⁰

Considerada a quadrilha infantil mais antiga em atividade no Brasil, segundo Fábio Lessa, seu diretor, surgiu em 24 de junho de 1980, no bairro Pirambu em Fortaleza – CE, para comemorar o aniversário da Tia Didi, que resolveu organizar uma quadrilha com as crianças. Na ocasião, chamou o evento de Arraiá da Tia Didi, com a ajuda de Deusdete do Arraiá do Tyrol, que eram quadrilhas juninas daquela época, com musicalidade ao som do disco do rei do baião.

O nome é inspirado no título da música tradicional de Luiz Gonzaga, cuja canção foi uma das primeiras a ser ensinada nas práticas, passando a ser o nome oficial da quadrilha: Cai Cai Balão. Abaixo, o registro para catálogo digital, realizado no Pirambu (Vila do mar), na pracinha em frente à sede do grupo, com os brincantes (parte do grupo), o diretor da quadrilha Fábio Lessa, o mestre da cultura junina, Sr. Raimundo Claudino e a autora.

Figura 6 - Quadrilha Cai Cai Balão registro para catálogo



Fonte: Álvaro Bravo Júnior, 2024.

Em sua trajetória, acumula diversos títulos, entre eles: campeã da Funcet (2002), campeã cearense pela União Junina (2003 e 2004) e campeã do São João de Maracanaú (2019).

²⁰ Em 2018 foi homenageada na Assembleia Legislativa do Ceará como a quadrilha infantil, mas antiga em atividade no estado do Ceará.

Foi a primeira quadrilha junina infantil do Brasil a se apresentar fora do país, participando em evento na Espanha, em 2014.

Fábio Lessa, atual mestre-presidente, que entrou no grupo com apenas 7 anos de idade, em 1988, diz: *“Minha vizinha fez e me deu o meu figurino de chitão preto com estampas mais amareladas. Desde então, que eu nunca mais sai”*. Ele também é músico, dançarino e coreógrafo do grupo Tablado, diretor artístico, cantor do Grupo Parafolclórico Fulô do Sertão de Senador Pompeu-CE, além de um dos idealizadores e fundadores da Cia de Dança Estrelas da Rua. Segundo ele, foram e são muitas histórias de superação, tristezas, alegrias e vitórias.

Relata que há muitos desafios e dedicação para conseguir se apresentar todos os anos. Apesar de tantas dificuldades, a quadrilha sempre se manteve e esteve ativa. Ele diz: *“Saíamos para brincar de caminhão, muitas vezes chovia e danificava as flores dos arranjos das meninas, porque eram feitas de papel crepom, apesar de tudo, dançava e participava.”*

Instituíram em 1999, uma coordenação para a realização dos trabalhos, que contou com a ajuda de Fernandes Frota, sanfoneiro responsável pelo primeiro regional da quadrilha. Em 2003, com o falecimento do presidente Wellington, a fundadora Tia Didi, pediu que Fábio Lessa e Leandro Teixeira levassem o trabalho adiante, mas somente ele permanece até hoje.

Registro dos passos tradicionais e equipe técnica: fotografia Álvaro Bravo Junior, filmagem Mikael Lima.

Figura 7 - Brincantes e equipe de registro



Fonte: Reuber Tadeu, 2024.

Outros projetos são agregados à quadrilha. Inicialmente, funcionava como Associação Cultural Wellington Lima, depois passou a ser Instituto Cai Cai Balão, com atividades como Bloco Pirambulando e o Pastoril Pirambu, desde 2008.

O grupo vem desenvolvendo um trabalho consistente na busca de superação de obstáculos, principalmente financeiros. Sua atuação transcende o ciclo junino, estendendo-se a outras manifestações culturais e a projetos voltados à promoção da inclusão social. Pelo conjunto de suas ações e relevância comunitária, foi também reconhecida como Ponto de Cultura, reafirmando seu compromisso com a valorização, a preservação e a difusão da cultura popular cearense.

6.2 Quadrilha adulta Flor do Sertão

Fundada em 2010, na escola de Ensino Médio Frei Orlando (E.E.M.F.O.), com o objetivo de proporcionar conhecimento, cultura e arte, a quadrilha que nascera como escolar, ganhou destaque no ano seguinte, saindo deste âmbito tornando-se independente.

Desde então, o grupo passou a disputar festivais, tornando-se referência no meio cultural e junino da região. Desenvolve um trabalho de impacto social e cultural ao longo de sua atuação, transformando realidades na proporcionando cultura, entretenimento, conhecimento e lazer, acolhendo pessoas de vários bairros da cidade, promovendo inclusão e acessibilidade, com integrante PCD desde o início até os dias atuais.

Registro para o layout do catálogo: brincantes da quadrilha Flor do Sertão, seu presidente Cláudio Barreto, os diretores Cleomilson Costa e Jean Patrick, Mestre Raimundo Claudino e a autora.

Figura 8 - Quadrilha adulta Flor do Sertão



Registro: Álvaro Bravo Júnior, 2024.

Em seu primeiro ano de criação, a quadrilha se apresentou em eventos juninos realizados na própria cidade. Com o tempo, foi consolidando sua história e conquistando respeito, graças aos inúmeros benefícios proporcionados à comunidade e aos integrantes, tais como: redução da ociosidade de muitos jovens; promoção da integração e do senso de responsabilidade; valorização da participação comunitária; aumento da visibilidade da cidade;

movimentação da economia local; geração de emprego e renda; difusão do conhecimento cultural; oferta de lazer; elevação da autoestima dos moradores; e descoberta e valorização de talentos locais.

O registro dos passos tradicionais foi realizado com o grupo protagonista sob a condução do Mestre Raimundo Claudino, no anfiteatro da Praça dos Mestres, na cidade de Canindé-CE.

Figura 9 - Quadrilha Flor do Sertão para catálogo digital



Fonte: Álvaro Bravo Junior, 2024.

O Grupo desenvolve diversas atividades culturais, incluindo apresentações folclóricas e danças africanas, atuando também em outros ciclos da tradição. Em seus fazeres, incorpora um trabalho social voltado à formação de participantes em situação de vulnerabilidade social, promovendo o acesso à cultura. Ano a ano, o grupo tem conquistado maior destaque no cenário junino. Uma das características marcantes que compõem a identidade desta quadrilha junina é a adoção de temáticas representativas que referenciam o Nordeste e Canindé.

No contexto do registro, o grupo participante cumpriu um papel de representação, com base no saber do Mestre da cultura junina, Raimundo Claudino, pelas razões já mencionadas na introdução.

6.3 TESOUROS VIVOS²¹

Nas práticas com as danças tradicionais e populares, vivenciamos e incorporamos elementos ancestrais, considerando aspectos da memória e da prática efetiva. Conhecendo seus guardiões ancestrais, facilitadores dos saberes, que hoje conhecemos no Ceará como Tesouros Vivos, vamos experienciando outras formas de viver a dança, conhecendo maneira distintas de repasse e de aprendizado pelo fazer constante, a partir de como se vai aprendendo a fazer, fazendo (Souza, 2021).

No dia 22 de agosto de 2003, foi instituído, no âmbito da administração pública estadual, o registro dos Mestres da Cultura do Ceará. Essa iniciativa foi anunciada por Claudia Leitão, em março do mesmo ano, durante o Seminário Cultura XXI, no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, após o discurso do então Ministro Gilberto Gil, em sua primeira visita ao Ceará no primeiro Governo Lula.

Neste contexto, temos o registro dos mestres da cultura na etapa final do Festejo Ceará Junino de 2024, em Sobral, antes de suas apresentações na roda de conversa, momento que compôs a programação da realização da etapa final do evento.

Figura 10 - Mestre Raimundo Claudino, a autora e Mestra Mazé Costa



Fonte: Reuber Tadeu, 2024.

Estes agentes culturais são selecionados pela COPAM da Secult, mediante apresentação e avaliação de proposta, sendo reconhecidos em conformidade com a Lei Estadual 13.842, de 27 de novembro de 2006, que instituiu o Registro dos “Tesouros Vivos da Cultura”

²¹ Conheça os tesouros vivos da cultura do estado do Ceará, reconhecidos em conformidade com a Lei estadual Nº 18.232, DE 06 DE NOVEMBRO DE 2022. Disponível em: <https://www.secult.ce.gov.br/tesouros-vivos-do-ceara/>

no Estado do Ceará. Essa legislação pioneira no Brasil tem como objetivo reconhecer e valorizar os saberes e fazeres dos mestres e mestras da cultura tradicional e popular.

6.3.1. Mestra Mazé Costa Tesouro Vivo da Cultura Junina Cearense

Maria José Costa Carvalho nasceu em Caucaia, em 14 de outubro de 1939, onde reside no bairro Cigana, localizado na macrorregião da Grande Fortaleza. Foi titulada em 2015 como mestra da tradição junina, com registro geral de número 076, publicado no Diário Oficial do Estado em 23 de outubro de 2015. O reconhecimento ocorreu durante o Encontro Junino, no evento de lançamento do Festejo Ceará Junino, realizado em 2019, no anfiteatro do Cine São Luiz, na Praça do Ferreira, em Fortaleza.

Conhecida como Dona Mazé das Quadrilhas, liderou dois grupos juninos: *Arraiá do Chitão*, grupo adulto, e *Arrasta-pé do Chitão*, grupo infantil. Ambos foram criados em 13 de junho de 1970, no lugar onde ela mora. Na época, ao iniciar sua trajetória, revelou: “Inventei de fazer, mas não aprendi com ninguém; eu sei de tudo, ninguém me ensinou, isso é dom de Deus” (comunicação oral). Organizando e montando sua quadrilha, definia os passos e a história do casamento, atuando como marcadora por muitos anos.

Figura 11 - Mestra Mazé Costa e a autora



Fonte: Arquivo pessoal, 2020.

Seu dossiê de inscrição foi elaborado pela União Junina. Ela afirmou ter sido uma grande surpresa ser escolhida Mestra da Cultura, pois não acreditava que um dia ia ser reconhecida pelo seu trabalho, embora reconheça que merecia. Comentou ainda que reunir todos para os ensaios dava trabalho, e mencionou que alguns brincantes permaneceram no grupo por até 10 anos. Sobre a preservação da tradição, declarou:

A tradição mesmo, da época que eu comecei está se acabando, porque as pessoas não querem mais seguir a cultura, não querem mais usar uma roupa de chitão. Por que nas quadrilhas agora não se vê mais um chapéu de palha, ninguém vê mais um casamento caipira nem aquelas músicas tradicionais, a gente não vê mais nem chitão, nem vê mais nem fogueira (FREITAS, Dora; FURTADO, Sílvia (org.) Livro dos mestres 2017, p. 360).

Dona Mazé atuou na manutenção das tradições juninas em seu formato mais legítimo, fiel às origens desta cultura no Ceará, sendo agraciada com diversos prêmios em reconhecimento à promoção desta expressão. É integrante da Federação das Quadrilhas Juninas do Ceará (FEQUAJUCE) e filiada à União Junina do Ceará, mantendo participações em eventos.

Pela necessidade de cuidados e tratamentos de sua visão, não continua fazendo quadrilhas. Infelizmente, por estar com a saúde fragilizada, não foi possível que participasse deste trabalho como gostaríamos. Contudo, pelo seu legado, sua trajetória e saber, registramos sua importância, valorizando tudo o que já fez e ainda faz dentro de suas possibilidades.

6.3.2. Mestre Raimundo Claudino Tesouro Vivo da Cultura Junina Cearense

Raimundo Claudino Amaral nasceu em 1961, em Tabuleiro do Norte, interior do Ceará, localizada na macrorregião do Vale do Jaguaribe. Foi titulado em 2022, com registro geral de número 125, na tradição da cultura junina. Registro de encontro junino no evento de lançamento do Festejo Ceará Junino, realizado em 2023, no Complexo Cultural Estação das Artes, em Fortaleza.

Figura 12 - Mestre Raimundo Claudino e a autora



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Relatos de sua história e trajetória (comunicação oral, 2024): começou a participar de quadrilha junina ainda na infância, em 1970, organizada por Dona Francisca de Edson, uma senhora que, apesar de suas poucas condições financeiras, gostava de organizar quadrilha com todos bem arrumados, dentro das possibilidades da época. Os chapéus eram enfeitados com papel crepom e as meninas com fitas coloridas nos cabelos. Relata que um fato sempre chamou sua atenção: a forma como Dona Francisca ensinava os passos sempre explicando como o mesmo era feito e de onde cada passo veio. Ela sempre segurava um livro e era de lá que tirava a origem dos passos. Por muitas vezes, já tentou lembrar o nome daquele livro, mas a memória não colaborou.

Em 1978, foi morar em Fortaleza, em busca de melhores oportunidades devido às possibilidades de ensino que em Tabuleiro do Norte ainda eram limitadas. Nesse período, um grupo de amigos que se reunia para matar a saudade e conversar, teve a ideia de criar uma quadrilha e apresentá-la para os parentes e amigos durante as férias escolares, além de comemorar o aniversário de outro companheiro de grupo. Assim fundaram a Colônia Tabuleirense. Mestre Raimundo conta que, foi assim que acabou sendo escolhido para fazer a coreografia, desenhar os figurinos e escrever o casamento. Naquele período, não existia a ideia de figurinos de quadrilha iguais, então se eram 20 pares, eram 20 modelos de vestidos a serem desenhados.

Segundo Mestre Raimundo no início, nosso intuito não era competir, na verdade, eu nem sabia que existia a competição de quadrilhas, fazíamos por diversão e amor. Ficamos sabendo de umas mostras competitivas que eram organizadas pela Fundação Cultural de Fortaleza, sob a direção de Elzenir Colares (*in memoriam*). Participamos desses festivais por alguns anos, e nesse período, comecei a levantar algumas questões que acreditavam serem relevantes para a época. Meu estilo de coreografia deixou muitas pessoas inquietas e admiradas, pois fazíamos os passos interligados, pois é a forma que sempre achei que deveria ser feito.

Em 1986, continuamos a fazer quadrilha, desta vez com uma visão um pouco diferente pela vivência adquirida em Fortaleza. Então já era a Quadrilha Flor do Mandacaru, e foi com esse grupo que comecei a pensar o movimento junino como uma arte real e de grande possibilidade de desenvolvimento. Assim, comecei a questionar o porquê de termos que dançar com roupas remendadas já que a quadrilha junina é a festa dos noivos e ninguém vai para o casamento com uma roupa remendada, mas sim com sua melhor roupa. Em pesquisas junto ao grupo, em livros e jornais encontramos a justificativa de que até determinada época no Brasil,

só era permitido estar de paletó para entrar em determinados prédios e eventos, baseados nisso começamos a usar o paletó como figurino masculino.

Alguns anos depois, resolvemos nos apresentar em Fortaleza no mesmo Festival da Fundação Cultural, que naquela época acontecia na Sargento Hermínio. A Quadrilha Flor de Mandacaru foi campeã nesse ano e também em 1997 e 1998. Para além das vitórias, participar desses festivais foi marcante, pois o movimento junino começou a tomar outras formas.

Em 1994, sem condições de fazermos todos os figurinos, para o uso de trajes tão diferentes justifiquei que estávamos abordando a questão da desigualdade social: um lado da quadrilha era rico (o lado com os figurinos confeccionados) e o outro era pobre (figurinos mais simples). O historiador Reuber Tadeu, de Limoeiro do Norte, reconhece este momento como sendo o início do uso de temática por quadrilhas juninas no Ceará.

Em 1996, o grupo veio com uma temática ousada: “Prostituição, opção ou consequência” que eu considero minha primeira temática oficial, já que foi trabalhado o tema pela primeira vez no casamento, no figurino, nos arranjos. Nesse ano, não tivemos grandes títulos, mas percebo claramente a partir daí o surgimento das temáticas no Ceará.

Em 1995 e 1996, resolvemos fazer também uma quadrilha infantil em Tabuleiro do Norte, que se chamava Chicotinho Queimado, nestes dois anos trabalhamos com crianças das mais diversas classes sociais, pois entendo a quadrilha junina como objeto transformador de toda uma geração em minha cidade.

Em 1999, paramos com o grupo em Tabuleiro e resolvemos fazer em outras cidades. Passei alguns anos na cidade de São João do Jaguaribe, onde conquistamos o campeonato Cearense algumas vezes e tive trabalhos marcantes como “O Encanto das Águas”, dentre outros temas. No Arraiá de São João Batista, de São João do Jaguaribe, que aprimorei minhas temáticas e busquei juntar outras linguagens dentro da quadrilha, colocando dança contemporânea em minhas aberturas, mas sempre primando pela preservação da tradição e dos fazeres tradicionais da quadrilha junina. Fiquei em São João do Jaguaribe no período de 2000 a 2006, período que participei da fundação da quadrilha Cheiro de terra em Horizonte, fiz um trabalho em Itapipoca e fui jurado em vários festivais.

Em 2007, tornei a articular quadrilha junina em Tabuleiro do Norte, chamada Espinho e Fulô, com uma breve pausa, para, em 2009, construir o último ano do Arraiá de São João Batista. Com a Quadrilha Espinho e Fulô desenvolvi o tema “Saga Nordestina na Amazônia”,

um marco experimental no desenvolvimento do tema, onde pude rever e ressignificar alguns aspectos de meu processo criativo. Neste período, me afastei do movimento junino federado, devido discordâncias com o processo avaliativo e o tratamento dispensado aos grupos.

Retornei para os trabalhos de base em minha cidade, formando trabalhos em comunidades e iniciei o projeto Circuito Folclórico, que consistia em dar apoio à formação de grupos comunitários, dando suporte na construção de coreografia, desenvolvimento de temas e aquisição de figurinos, apoiando também a realização de mostras comunitárias não competitivas, com os recursos arrecadados aplicados conforme a comunidade entendesse que fosse melhor para o bem comum.

Em 2014, fui convidado a voltar ao ambiente federativo do movimento junino, com uma proposta de construir algo novo no São João competitivo, onde permaneci por dois anos. As propostas apresentadas não me confortaram o suficiente para permanecer, então voltei para o meu trabalho de base, me dedicando a consultorias voluntárias a qualquer grupo do Vale do Jaguaribe que buscava meu apoio (comunicação oral, 2024).

Das discussões relacionadas a um movimento junino articulado no Vale do Jaguaribe, surgiu o Coletivo Junino do Vale do Jaguaribe e o Arraiá do Vale, experimento de Festival com formato de apreciação baseado no debate e aclamação de destaques. Um evento planejado, pactuado e produzido em parceria com os grupos envolvidos, sendo um ato concreto, do qual fiz e faço parte ativamente. O objetivo é promover uma ressignificação dos processos avaliativos das quadrilhas juninas, comprometidos com o processo criativo, troca de saberes, fazeres e fortalecimento dos grupos e do movimento.

Sua trajetória é marcada pela experimentação, discussão política, apoio e respeito aos grupos, interesse na troca de saberes e fazeres, desde os anos 80, com envolvimento em atuação e organização, trabalhos de articulação com os muitos grupos que ajudou a fundar. É respeitado, é atuante e segue em plena atividade, conhecedor de saberes juninos de modo mais específico do Vale do Jaguaribe que precisam ser replicados e compartilhados. Para além de uma figura emblemática, escreve uma história que agrega disponibilidade, experimentação, diálogo e fomento para o fortalecimento do movimento junino cearense. Quando se chegou à competição relata:

tive como base essas pessoas que são suas referências Elzenir Colares, Maristela, Walden Luiz e Neusa Sales. Estas personalidades eram as referências no final dos anos 80 até o final da década de 90 ou 98 do século XX, nesse período do Festival da Fundação cultural de Fortaleza, pois era esse

departamento que realizava os eventos quadrilheiros oficiais (Informação oral).²²

Estes são alguns nomes importantes para destacar no universo da cultura junina. Esse período festivo, no passeio público, é um pouco conhecido, principalmente pelas gerações que não vivenciaram esta época, havendo poucos registros, que são pessoais. É fundamental que essas memórias sejam descritas, para que as práticas de outros tempos, sejam evidenciadas, conhecidas e valorizadas.

Os mestres da cultura junina, titulados, atuam em momentos formativos e eventos. Seus relatos se constituem através da oralidade na transmissão de seus saberes e de suas vivências. Esses mestres são essenciais para a identidade cultural: carregam consigo uma perspectiva única, de conhecimentos valiosos, e são responsáveis por manter tradições e nutrir um legado.

O registro dos passos da quadrilha adulta no catálogo digital foi executado a partir das indicações e do ensino do mestre, sendo realizado com a participação da Quadrilha Flor do Sertão de Canindé.

²² Depoimento oral, Mestre Raimundo Claudino realizado em Sobral no Festejo Ceará Junino etapa final em 2024.

7. REGISTROS DOS PASSOS TRADICIONAIS

Este estudo teve como propósito registrar os passos tradicionais das quadrilhas juninas e compreender como esses movimentos são constituídos a partir da experiência dos agentes envolvidos. Inicialmente, foram apresentados o tema da pesquisa, seus delineamentos e objetivos, permitindo que a prática fosse demonstrada e documentada por meio de fotografias e filmagens. Utilizou-se como referência a planilha²³ de 2024 do Festejo Ceará Junino. No entanto, a escolha dos passos ocorreu de forma espontânea e flexível, sem um roteiro pré-definido, priorizando a livre expressão de cada participante.

Segue o registro da equipe de produção: Reuber Tadeu, Mikael Lima, Mestre Raimundo Claudino, a autora, Álvaro Bravo Junior, Fábio Lessa e Jean Patrick, no acompanhamento do registro da quadrilha infantil, no bairro Pirambu, em frente à sede do Instituto Cai Cai Balão (figura 13), e do registro da quadrilha adulta, constituído pelo saber do Mestre Raimundo Claudino e protagonizado pela Quadrilha Flor do Sertão, que ocorreu na Praça dos Mestres em Canindé (figura 14), ambas em 2024.

Figura 13 - Equipe de registro Quadrilha Infantil



Figura 14 - Equipe de registro Quadrilha adulta



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

O percurso apresentou inúmeros desafios, principalmente em relação à disponibilidade dos grupos participantes. Diversas datas foram agendadas e remarcadas ao longo do processo. O registro infantil foi realizado com a Quadrilha Cai Cai Balão, em agosto de 2024, no bairro Pirambu, em Fortaleza. Já o registro da quadrilha adulta ocorreu em Canindé, na Praça dos Mestres, com a participação da Quadrilha Flor do Sertão, conduzida pelo Mestre Raimundo

²³ Disponível no apêndice B

Claudino. Em ambas as ocasiões, contamos com a presença do Mestre Raimundo Claudino, de Limoeiro, e da equipe de registro.

7.1 Produto gerado

Como resultado desta pesquisa, o produto gerado é um catálogo digital, elaborado a partir dos registros *in loco* e sistematizados por Mikael Lima na plataforma Canva, uma opção gratuita de ferramenta online de design gráfico que permite criar, editar e compartilhar conteúdos visuais com recursos colaborativos, com capacidade de implementar funcionalidades avançadas ou personalizações específicas. No entanto, com algumas limitações técnicas, apesar disso o uso foi uma solução viável, priorizando o design visual com complexidade técnica, garantindo que o produto final atenda às necessidades e expectativas, favorecendo sua concepção.

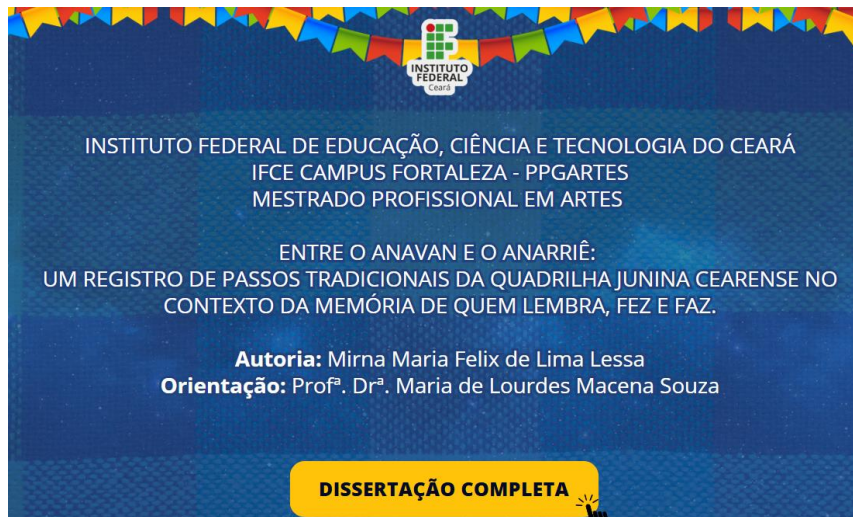
Este produto foi criado com o propósito de contribuir para a preservação e difusão dos saberes juninos, dando acesso livre a todos que desejarem utilizá-lo. Embora a intenção inicial fosse contemplar um número maior de quadrilhas, alguns fatores impediram essa ampliação, como desafios logísticos para mobilização de equipe e infraestrutura, custos envolvidos e prazos institucionais. Diante dessas limitações, optou-se por focar a pesquisa em uma quadrilha infantil e uma quadrilha adulta, viabilizando a concretização do trabalho dentro das condições e fatores disponíveis.

Equipe de registro, filmagem e produção: Mikael Lima vídeo maker, designer gráfico, operador e controlador de drones, produtor e pesquisador cultural. Registro fotográfico: Álvaro Bravo Junior profissional cujos trabalhos se destacam pela criação múltipla de narrativas visuais de fotografia conceitual e documental, consolidando presença marcante na fotografia contemporânea. Apoio: Reuber Tadeu historiador, multiartista, produtor e pesquisador da cultura popular. Participação e atuação: Mestre titulado da cultura junina Raimundo Claudino.

Na etapa de finalização, o trabalho contou com o apoio de Gabriel Lopes, designer, ilustrador e editor audiovisual, formado em Sistemas de Mídias Digitais. Parceiros que abraçaram a ideia, compartilhando seus saberes e talentos.

Segue o layout do produto, desenvolvido na plataforma de design gráfico Canva.

Figura 15 - apresentação institucional e tema



Fonte: designer gráfico Mikael Lima.

Este catálogo digital é o produto deste processo, para acesso à íntegra do trabalho escrito, clique em dissertação completa (em amarelo). Apresenta a fundamentação teórica, metodológica e descritiva desta pesquisa, incluindo um recorte dos passos tradicionais, os sujeitos envolvidos e o percurso de elaboração do estudo.

Este produto integra os resultados da pesquisa dedicada ao registro e preservação dos passos tradicionais das quadrilhas juninas cearenses. Constitui-se como uma ferramenta de memória, difusão e valorização cultural, elaborada a partir do registro *in loco* junto aos grupos participantes.

Mais do que um material descritivo, o produto propõe-se como um instrumento pedagógico e de salvaguarda, possibilitando que novas gerações tenham acesso aos saberes, gestos e sentidos que compõem a quadrilha junina. Ao reunir imagens, vídeos e descrições detalhadas, o trabalho reafirma o compromisso com a preservação do patrimônio cultural imaterial e com o fortalecimento das práticas comunitárias que sustentam a cultura popular.

A seguir, apresenta-se a organização dos elementos visuais e sua disposição: layout da quadrilha infantil:

Figura 16 - Breve histórico e equipe técnica



Fonte: designer gráfico Mikael Lima

Ao clicar em “Lista de Passos” no LINK do registro, abre-se a próxima aba, onde constam os passos tradicionais realizados pela quadrilha infantil, acompanhados de vídeos com a realização demonstrativa de cada passo.

Figura 17 - Os passos da quadrilha infantil



Fonte: designer gráfico Mikael Lima

Esta é a organização dos elementos visuais e sua disposição: o layout dos passos tradicionais da quadrilha infantil, conduzido por Fábio Lessa, a partir do seu saber e o modo como os transmite.

Figura 18 - Breve histórico e equipe técnica



Fonte: designer gráfico Mikael Lima

Ao clicar em “Lista de Passos” no LINK do registro, abre-se a próxima aba, onde constam os passos tradicionais realizados sob a condução do Mestre Raimundo Claudino representados pela Quadrilha Flor do Sertão de Canindé.

Figura 19 - Os passos da quadrilha adulta



Fonte: designer gráfico Mikael Lima

Esta é a organização dos elementos visuais e sua disposição, de forma mais complexa, com fotografia em stop motion, vídeos e a descrição de cada passo nas legendas, construídas a partir do saber do Mestre e o modo que transmite.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história, a humanidade transforma suas práticas sociais, acompanhando o desenvolvimento dos modos de vida e gerando um conjunto de conhecimentos culturais que se perpetuam na sociedade. Diante das constantes mudanças, torna-se essencial preservar os saberes tradicionais. Nesse contexto, a pesquisa surge como meio fundamental para afirmar a transmissão e valorização dessa expressão cultural. Ela não vem para estabelecer um modelo, mas sim, para contribuir para o reconhecimento e registro.

Este estudo alcançou seu objetivo geral ao registrar um recorte dos passos tradicionais das quadrilhas juninas do Ceará, contribuindo para sua salvaguarda e promoção. Por meio das narrativas coletadas, viabilizou-se a criação de um catálogo digital, numa proposta de salvaguarda e promoção desse patrimônio imaterial, que poderá auxiliar tanto o movimento junino quanto à docência em artes, fortalecendo a memória e a disseminação dessa tradição, possibilitando sua difusão.

Na qualificação por razões de ordem técnica o acesso ao produto pelo uso de internet tornou-se limitado, para viabilizar o acesso desta produção, foram agregados vídeos²⁴ de modo complementar.

De caráter plural, esta pesquisa não busca definir ou categorizar essa cultura e seus significados, mas dialogar de maneira aberta e flexível com os fazeres que a constituem. Seu propósito central é preservar a memória e divulgar os passos tradicionais da quadrilha junina cearense a partir das perspectivas dos sujeitos pesquisados.

A motivação para este estudo desponta a partir da minha vivência e experiência como brincante de quadrilha e jurada em festivais juninos, aliada à minha trajetória no campo da arte e cultura. Durante essas atuações, percebi as dificuldades de alguns membros da mesa julgadora em identificar os passos tradicionais da quadrilha, com base nessa observação, busquei contribuir para a sistematização desses elementos.

Além disso, minha experiência docente revela que muitos professores enfrentam desafios na elaboração e preparação de quadrilhas em contextos educacionais, devido à falta de vivência e à escassez de materiais para pesquisa. Assim, este material foi desenvolvido

²⁴ LINKS do registro em vídeos Quadrilha Infantil <https://www.youtube.com/watch?v=s9Hwqm4guDU>
Quadrilha adulta: <https://www.youtube.com/watch?v=xMal6cgkm6U>

como um suporte ao fazer junino, servindo como recurso para educadores que desejem incorporar a quadrilha em suas práticas pedagógicas.

Mais do que um registro, esta criação visa fortalecer a valorização e fruição da cultura junina. O material produzido poderá contribuir tanto para o contexto das festividades quanto para o ensino de artes no ambiente escolar, auxiliando professores na socialização dessa tradição e ampliando o acesso e a compreensão de seu valor cultural.

Esta realização se constitui através das narrativas dos participantes desta expressão cultural. Ressaltamos a importância de conceder visibilidade ao valor histórico e regional dessa festividade. Este recorte permitiu identificar a forma atual de execução de alguns passos tradicionais da quadrilha junina, a partir das práticas desenvolvidas por Fábio Lessa na quadrilha infantil e pelo saber do Mestre Raimundo na quadrilha adulta, considerando a maneira que transmitem.

É fundamental destacar que os registros apresentados refletem os saberes de quem os pratica e a forma como os transmite. Não se trata da criação de um manual normativo ou de um modelo único, mas sim da valorização da diversidade e da autenticidade dos modos de fazer. Com o intuito de desenvolver uma versão colaborativa, que auxilie especialmente aqueles que não possuem referências diretas em sua ancestralidade, que poderá servir como um recurso para docentes na preparação e montagem de quadrilhas no ambiente escolar e no campo da educação patrimonial. Compreendemos que a tradição é um circuito em constante movimento, reinventando-se ao longo do tempo.

Acreditamos que a continuidade deste estudo permitirá um olhar ainda mais amplo sobre os paradigmas que fundamentam a transmissão dos passos juninos, favorecendo o fazer artístico e norteador ações que preencham lacunas entre os saberes individuais e coletivos. Com isso, possibilita-se uma maior aproximação entre teoria e prática. Aspiramos à expansão desses registros, contribuindo para o fortalecimento da cultura junina em seus saberes e fazeres.

Das fogueiras ao fogo das palavras, desejamos que este trabalho seja germinante. Assim como Nego Bispo vive porque suas palavras seguem brotando na ancestralidade, elas encontram sempre um novo *começo, meio e começo*, transformando mentes em roças. Lançamos, com as mãos da memória, uma cuia de sementes.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, J. G. M; SOUZA, L. M. S. et al. **As Quadrilhas Juninas e o São João em Sergipe**. *Revista Psicologia & Saberes*, v. 9, n. 14, p. 16-26, 2020. Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1149> Acesso em: 10/04/2024
- AMARAL, R. **As mediações culturais da festa**. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, v. 3, n. 1, p. 13-22, 1998. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9314/0>
- BAUMAN, Z. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira – temas e situações**. São Paulo: Editora Ática S.A, 1987.
- CAMPOS, J. T. **Festas juninas nas escolas: lições de preconceitos**. *Educação & Sociedade*, v. 28, n. 99, p. 589-606, 2007. Acesso em: 10/05/2024 Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v28n99/a15v2899.pdf>
- CARVALHO, Gilmar de. **Questões culturais no Ceará**. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 45, n. 1, 2014, p. 263-275.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Global 2012, publicado originalmente em 1954.
- CAVALCANTI, Maria L.V. **Culturas populares: múltiplas leituras In: Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares**. São Paulo: Instituto Polis; Brasília: Ministério da Cultura, 2005.
- CEARÁ. Lei nº 13.842, de 27 de novembro de 2006. Institui o **Registro dos "Tesouros Vivos da Cultura"** no Estado do Ceará e dá outras providências.
- CHIANCA, L. **São João na cidade: ensaios e improvisos sobre a festa junina**. João Pessoa: Editora UFPB, 2013a.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral – memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. O sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989.
- FREITAS, Dora; FURTADO, Silvia (org.). **Livro dos mestres – o legado dos mestres: cultura e tradição popular Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2017. 512 p.: il.
- FONSECA, Maria Cecília L. **Patrimônio em Processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 2 ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 2005.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HERSKOVITS, Melville J. **Antropologia cultural**. Trad. Maria José de Carvalho e Hélio Bichels. São Paulo: Mestre Jou, 1963. Volume 1.

KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Trad. Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed.5. reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 20ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LIMA Carmen, AQUINO Lúcia, DANTAS Dantas et.al. **Pesquisa impactos da COVID-19 nos festejos juninos da Bahia** (recurso eletrônico) Camaçari, BA: Pinaúna Editora, 2021.

LUCENA, Severino Alves de. **Festa Junina em Portugal: marcas culturais no contexto de folkmarketing**. João Pessoa: UFPB, 2012.

LUIZ, Walden. **Quadrilhas, simpatias e casamentos**. Fortaleza: (s/n), obra do autor, 2020.

MACENA FILHA (2002). **O potencial turístico das festas populares de Fortaleza**. Dissertação Mestrado em Gestão de Negócios Turísticos do Centro de Administração da Universidade Estadual do Ceará.

MARTINS, Saul. **Folclore, teoria e método**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1986.

MORIGI, V. **Festa junina: hibridismo cultural**. Cadernos de Estudos Sociais, v. 18, n. 2, 2002.

OLIVEIRA, Lúcia Regina. **Movimento Junino: arte, cultura e identidade popular**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2018.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular**. Goiânia: UCG; Kelps, 2005.

RIBEIRO, Heloisa (2002) **Rotas da fé: Festas Juninas**. Caderno Virtual de Turismo, vol. 2, núm. 3, 2002, pp. 24-35. Universidade Federal do Rio de Janeiro _ Rio de Janeiro, Brasil.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos; 110) 12ª reimpr. da 16ª. ed. de 1996.

SILVA René Marc. **Cultura popular e educação: salto para o futuro Cultura popular e educação**. Organização René Marc da Costa Silva. -Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008. Salto para o futuro/ TV Escola/SEED/MEC.

SOUZA, M. Lourdes Macena (2006) **Cultura e patrimônio**. Artigo publicado na revista aspectos: Conselho Estadual da cultura do Estado do Ceará. Fortaleza: SECULT.

SOUZA, Maria de Lourdes Macena (2014) **Sendo como se fosse: as danças dramáticas na ação docente do ator professor**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.

SOUZA, Maria de Lourdes Macena (2021) **Sem mar, sem lugar, sem mestre: Meu corpo como o território em que a Cana Verde do Ceará habita**. Anais do 6º Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança – 2ª Edição Virtual. Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – Editora ANDA, p. 3382-3397.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

TOLENTINO Átila Bezerra (Org.) **Educação patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012. 104 p.: il. color. 30 cm. (Caderno temático; 2) ISBN 978-85-7334-221-5.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 15 ed. São Paulo: Atlas, 2014.

ZAMITH, Rosa Maria. **A dança da quadrilha; da partitura aos espaços festivos: música, dança e sociabilidade no Rio de Janeiro oitocentista**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2011.

**APÊNDICE A – RELAÇÃO DOS PASSOS TRADICIONAIS A PARTIR DAS
NARRATIVAS DE FÁBIO LESSA DIRETOR DA QUADRILHA INFANTIL
CAI CAI BALÃO**

O registro constitui-se em um catálogo digital, incluindo vídeos de alguns passos tradicionais da quadrilha junina, com escolha quantitativa ministrada por Fábio Lessa. Embora tenha sido apresentada uma planilha como referência, a representação e quantidade de passos foram escolhidas de forma livre, respeitando a memória de quem e lembra e faz a seu modo. Este registro foi realizado na pracinha do Pirambu, em Fortaleza, em frente às dependências do Ponto de Cultura do Instituto Cai Cai Balão, em agosto de 2024. Na ocasião, acontecia o evento Feira Nossa, que celebra e valoriza o talento artesanal e as tradições culturais locais.

Lista de passos: anavantu, anarriê, balancê, beija-flor, beija cravo, caracol/parafuso, cumprimento, estrelinha, galope, gancho, grande roda, jabaculê (damas), jabaculê (cavalheiros), maré (onda), marcação, peão carrapeta, peri/contra peri, roda de 4, trancilin, trem, túnel, despedida.

**RELAÇÃO DOS PASSOS TRADICIONAIS A PARTIR DAS NARRATIVAS DO
MESTRE RAIMUNDO CLAUDINO REALIZADOS PELA QUADRILHA FLÔR DO
SERTÃO DE CANINDÉ**

O registro constitui-se em um catálogo digital, incluindo fotos em stop motion, vídeos e legendas que indicam a origem dos passos a partir de saber do Mestre da Cultura Junina Raimundo Claudino com alguns passos tradicionais da quadrilha junina. Embora tenha sido apresentada uma planilha como referência, a representação e quantidade dos passos foi definida livremente, de acordo com a memória de quem e lembra e faz a seu modo. Este registro foi realizado na Praça dos Mestres, em Canindé, representado pela Quadrilha Flor do Sertão, em dezembro de 2024.

Lista de passos: anavantu, anarriê, balancei, beija-flor, beija cravo, buquê de flores, carrapeta, caminho na roça, caracol, catavento, costura, cruz de malta, é mentira, grande roda, gancho, jabaculê, lacinho do amor, lancei, olha a cobra, olha a chuva, passeio dos namorados, passeio de dois, passeio de quatro, peri e contra peri, peão, rodinha de quatro, serrote, trancilin, trocadilho, zig zag. Este registro foi realizado em Canindé, nas dependências na Praça dos Mestres, em dezembro de 2024, com a participação da quadrilha adulta Flor do Sertão (Canindé).

APÊNDICE B – QR CODE DO PRODUTO DE PESQUISA

Como forma de ampliar o acesso ao produto final desta pesquisa, foi elaborado um QR Code que direciona o leitor ao registro do produto, disponível em plataforma digital Canva.


Figura 20 – Quick Responser QR Code registro dos passos tradicionais de quadrilha junina



Fonte: gerado pelo designer Mikael Lima, 2025

APÊNDICE C – PLANILHA FESTEJO CEARÁ JUNINO 2024


Figura 21 – Planilha de avaliação de quadrilha juninas 2024




ETAPA DO FESTIVAL REGIONAL		QUADRILHA					
CIDADE	DATA / /	TEMPO DE MONTAGEM		TEMPO DE APRESENTAÇÃO DA QUADRILHA		TEMPO DE DESMONTAGEM	
JURADO/A	PRES. DE MESA	:	:	:	:	min	:

PLANILHA DE VOTAÇÃO 2024							
QUADRILHA	JUSTIFICATIVAS PARA O QUESITO QUADRILHA						PASSOS TRADICIONAIS
Coreografia							ANARRIÉ
Evolução							ANAVANTU
Harmonia							BALANCÊ
Animação							BEIJA-FLOR
Figurino							BEIJA-CRAVO
Casamento							BUQUÊ DE FLORES
Tema							CAMINHO DA ROÇA
Repertório	CARACOL						
MARCADOR(A)	JUSTIFICATIVAS PARA O QUESITO MARCADOR(A)						CATAVENTO
Desenvoltura							CINTURINHA
Liderança							COROA DE ESPINHO
Animação							COSTURA
Figurino							COTOVELO
							CRUZ DE MALTA
RAINHA	JUSTIFICATIVAS PARA O QUESITO RAINHA						ESPALHA-BRASA
Animação							ESPANHOLA
Desenvoltura							ESTÁTUA
Figurino							ESTRELINHA
NOIVA	JUSTIFICATIVAS PARA O QUESITO NOIVA						GANCHO
Desenvoltura							GRANDE RODA
Interpretação							GIRASSOL
Animação							JABACULÊ
Figurino							LACINHO DO AMOR
NOIVO	JUSTIFICATIVAS PARA O QUESITO NOIVO						LAMBRETA
Desenvoltura							MONTANHA RUSSA
Interpretação							PARAFUSO
Animação							PASSEIO DE 4
Figurino							PASSEIO NAMORADOS
	ONDA						
	PEÃO/CARRAPETA						
	PERI/CONTRA-PERI						
	RODA GIGANTE						
	RODINHA DE 4						
	SERROTE						
	SOMBRINHA						
	TRANCILIM						
	TRENZINHO						
	TÚNEL						
	X						
	ZIG - ZAG						


APÓIO CULTURAL




APÓIO INSTITUCIONAL



PRODUTORA



REALIZAÇÃO



ASS. JURADO(A)	
ASS. PRES. MESA	
RESP. FESTIVAL	

Fonte: Secult/CE, 2024.